

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

NAYANE CAROLINE CARVALHO SANTOS

**CAPITÃES DA AREIA: DESCONSTRUÇÃO JORNALÍSTICA. UMA GRANDE
REPORTAGEM?**

**São Borja
2016**

NAYANE CAROLINE CARVALHO SANTOS

**CAPITÃES DA AREIA: DESCONSTRUÇÃO JORNALÍSTICA. UMA GRANDE
REPORTAGEM?**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Jornalismo da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do Título
de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mara Ribeiro

**São Borja
2016**

Santos, Nayane Caroline Carvalho.

Capitães da areia: desconstrução jornalística. Uma grande reportagem? / Nayane Caroline Carvalho Santos. 23 de junho de 2016.

62 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pampa, 23 de junho de 2016. Orientação: Prof.^a Dr.^a Mara Ribeiro

1. Jornalismo. 2. Literatura. 3. Reportagem. I. Ribeiro, Mara.

NAYANE CAROLINE CARVALHO SANTOS

**CAPITÃES DA AREIA: DESCONSTRUÇÃO JORNALÍSTICA. UMA GRANDE
REPORTAGEM?**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Jornalismo da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial para obtenção do Título
de Bacharel em Comunicação Social.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 4 de julho de 2016.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Mara Ribeiro
Orientadora
UNIPAMPA

Prof.^a Dr.^a Carmem Regina Abreu Gonçalves
Membro da banca
UNIPAMPA

Prof. Dr. Marcelo da Silva Rocha
Membro da banca
UNIPAMPA

RESUMO

O presente estudo pretende desconstruir e analisar a narrativa do livro literário brasileiro “Capitães da Areia”, de Jorge Amado, a fim de localizar elementos jornalísticos. Sendo assim, tem o propósito de mapear o texto a fim de aproximá-lo e caracterizá-lo de uma grande reportagem. Tal procedimento busca apresentar as características da mensagem em termos estruturais, coleta de dados e construção, e de conteúdo, informação e elementos. E também acentuar o contexto histórico em que se fez necessária a criação de um formato jornalístico que trouxesse a interpretação dos fatos. Além disso, trilha-se pelo caminho de acentuar a relação do jornalismo com a literatura e do conceito de Novo Jornalismo de Tom Wolfe. Assim como, observar o contexto e as situações sociais apresentadas pelo autor, comparando-as com a realidade da época. Essa atitude tem a intenção de observar a factualidade e a veracidade dos fatos. Para tal procedimento, será utilizada a análise de conteúdo que propõe compreender a expressão do autor através do texto.

Palavras-chave: jornalismo; literatura; capitães da areia; reportagem; Jorge Amado

ABSTRACT

This study aims to deconstruct and analyze the Brazilian narrative from "Captains of the Sands" by Jorge Amado, in order to find journalistic elements. Thus, it aims to map the text in order to give it a closer look and characterize it as a great news report. This procedure seeks to present the message characteristics in structural terms, collection and data construction, and collection of content, information and elements. And also to accentuate the historical context in which it was necessary to create a journalistic format to bring the interpretation of the facts. In addition, it is aimed to outstand the journalism relationship with literature and the concept of New Journalism of Tom Wolfe. As well as observe the context and social situations presented by the author, comparing them with the reality of the time. This approach is intended to observe the factuality and the veracity of the facts. For this procedure, the content analysis which proposes to understand the author's expression through the text will be used.

Keywords: journalism; literature; captains of the sands; news report; Jorge Amado

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 O JORNALISMO E A GRANDE REPORTAGEM.....	14
2.1 ELEMENTOS CARACTERIZADORES DA REPORTAGEM.....	17
2.2 APROXIMAÇÃO COM ELEMENTOS DA LITERATURA.....	24
3 ANÁLISE.....	28
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	28
3.2 “CAPITÃES DA AREIA” E O SEU CONTEXTO.....	28
3.2.1 Abertura e fechamento.....	29
3.2.2 Quanto à estrutura.....	42
3.2.3 Quanto ao conteúdo.....	45
3.2.4 Quanto à factualidade.....	50
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
5 REFERÊNCIAS.....	56

1 INTRODUÇÃO

A história do jornalismo é marcada por diferentes momentos, evoluções de conceitos e de tecnologias. Transições determinantes ocorreram nesse percurso, a passagem da comunicação oral para a escrita, o surgimento dos impressos facilitado pelo grande salto na Idade Média com a criação da prensa de papel, entre outros processos. Há alguns anos, o início da revolução tecnológica trouxe modificações na comunicação de massa. Além disso, o fazer jornalístico sofreu mudanças significativas devido a sua comercialização- industrialização, ocasionando a divisão de espaços com a publicidade e seleção de matérias visando interesses editoriais.

No século XVIII e XIX, quando surgiram os primeiros jornais, escritores começaram a fazer parte da equipe, não apenas dirigindo, mas também determinando a linguagem e o conteúdo. Considerando o gosto do público, passou-se a divulgar capítulos de livros no diário. Essa também foi uma solução para aumentar as vendas dos jornais e ao mesmo tempo disponibilizar a leitura dos livros que não podiam ser comprados por todos, devido aos valores. Foi então que surgiu o folhetim, um formato literário seriado em capítulos e prosa leve, buscando prender a atenção e provocar curiosidade no leitor.

A partir dessa relação histórica, percebe-se que a literatura tem parte do jornalismo, e vice-versa, levando em consideração que a literatura é a mistura do real com o imaginário e que o jornalismo busca ser o retrato do real, muitas vezes utilizando-se de narrativa típica da literatura. Exemplo disso é o Novo Jornalismo que surgiu em 1960, nos Estados Unidos, fundamentado na insatisfação de profissionais com as regras de objetividade do texto jornalístico, através de Tom Wolfe¹. O novo formato desejava incluir a subjetividade, personalidade do autor, estética, utilizando técnicas literárias.

A palavra é a matéria prima da literatura assim como para o jornalismo, o que diferencia é a forma como ela é utilizada. O termo literatura, que vem do latim “littera” que significa “letras”, é uma manifestação artística, onde o autor expressa seu ponto de

¹ TOM WOLFE: Jornalista e escritor norte-americano considerado um dos fundadores do *New Journalism* (Novo jornalismo), movimento jornalístico dos anos 60 e 70.

vista e sentimentos, através de técnicas narrativas. As duas áreas de conhecimento se divergem e convergem, tanto nas funções quanto ao discurso. O jornalismo busca descrever a realidade, sem o ponto de vista do profissional, apenas o ocorrido, claro que existem certas exceções como é o caso do jornalismo literário que traz uma descrição mais poética, detalhes do ambiente, personagem. Mas a literatura tem a liberdade de relatar o que o escritor deseja, sem regras, LEAD², periodicidade, *timeline*. A diferença entre ambos poderia ser descrita sinteticamente com as palavras ficção (literatura) e realidade (jornalismo), não fosse o fato da obra literária se utilizar também da realidade. Diante disso, cabe questionar, como localizar a linha tênue que separa esses dois mundos? Seria através da linguagem?

Com o propósito de observar tais colocações, opta-se por analisar um objeto que reforce a relação jornalismo-literatura. Para isso, a obra escolhida foi “Capitães da areia” (1937), de Jorge Amado, pelo fato do conteúdo ser o retrato da realidade vivida naquela época, e de certa forma ainda hoje. Segundo a biografia do autor, sua carreira foi marcada por fugas e perseguições, isso se deu devido a sua posição comunista no período ditatorial. Além disso, Amado é personagem marcante na literatura brasileira, com 49 obras publicadas e diversos prêmios nacionais e internacionais. Muitos de seus livros foram queimados por serem considerados simpatizantes ao credo comunista. O de maior número foi “Capitães da Areia”, com 808 exemplares. Sua história também traz registros de trabalho em jornais desde a infância em um periódico de bairro criado por ele. Em jornais escolares, como repórter policial no “Diário da Bahia”, no “O imparcial” e no “O Jornal”, onde publicou a novela “Lenita”, que se tornou livro posteriormente. Essa relação do autor com o jornalismo é que reforça o estudo, o que permite ver sua obra como, além de objeto histórico, fonte de informação jornalística.

O estudo tem importância, pois analisa um objeto escrito há 78 anos, e que ainda possui validade por relatar um contexto social no formato de denúncia. Naquela época, o cenário era outro, política e socialmente. Desde o início da década de 30 o país, que vivia o Governo Provisório, tratava de se firmar em meio a muitas incertezas. Os

² LEAD: do original inglês ou LIDE, em português, é o conjunto de perguntas (quem, o quê, como, por quê, onde, quando), definido por Harold Lasswell, no século XX, a serem respondidas no começo do texto jornalístico.

governadores foram substituídos por interventores. A crise mundial, que teve seu ápice em 1929, trazia como consequência uma produção agrícola sem mercado, a ruína de fazendeiros e o desemprego nas grandes cidades. O cenário também enfrentava mudanças significativas como a constituição de 1934 que provocou ações como o princípio da alternância no poder, a garantia do voto universal e secreto, o direito à livre expressão, pluralidade sindical e a realização de eleições diretas a partir de 1938. Porém, o que parecia ser finalmente o início da democracia, teve retrocesso através do golpe de estado e instalação, por Getúlio Vargas, do chamado Estado Novo. Exatamente no ano em que o livro foi lançado. Um tempo marcado por centralização do poder, nacionalismo, anticomunismo e autoritarismo. Situação que colocava a liberdade de expressão em xeque por ser considerada ameaça. O capitalismo, que prometera igualdade de oportunidades abundância, trouxera empobrecimento, desemprego e desesperança.

Na Bahia, mais especificamente na capital, Salvador, é onde ocorre a história. O cenário da década, era da troca de governo, assim como em todo o país, com a posse dos interventores. Esse acontecimento desarticulou a organização política já que foram escolhidos interventores entre políticos não influentes do estado, e muitos sem experiência na área. Anterior a isso, durante a primeira republica, predominava a política oligárquica, ou seja, exercida por um grupo dominante, neste caso, os coronéis. No cenário econômico, o poder se dava através das propriedades de terras e agroexportação.

O enredo do livro traz os capitães da areia, meninos de rua abandonados, órfãos ou rendidos a esta vida por opção própria, que praticam crimes nas ruas de Salvador. São cerca de dez crianças que vivem num trapiche à beira mar em situação precária, que se mantêm através dos roubos diários. Apesar do abandono, vivem em organização, pois respeitam o líder Pedro Bala, tão jovem quanto o restante do grupo. Entretanto a história não tem um personagem principal, gira em torno do grupo, realçando as características e vivências individuais e coletivas. Apenas dois personagens adultos se relacionam com eles, o Padre José Pedro e uma mãe-de-santo, que os auxiliam de acordo com a fé de cada um. Apesar dos roubos, brigas de gangues e até mortes, é possível ver relances da infância em determinadas partes, como quando vão ao carrossel. O enredo também traz um pouco de romance com os casais Pedro e Dora,

Gato e Dalva. Por provocarem a desordem na cidade, são procurados pela polícia que deseja colocá-los no orfanato ou reformatório, local que utiliza de medidas violentas para “educar”. No final, quase todos os personagens conseguem o que aspirava em sonhos infantis, “pintor de sucesso”, “malandro de verdade”, “frade”, “cangaceiro”, “marinheiro”, “capoeirista”. Pedro Bala, que vivia fascinado pela coragem de seu pai, líder sindical que morreu lutando em uma greve, se tornou um revolucionário comunista.

Jorge Amado constrói o cenário a partir do olhar de crianças rejeitadas pela sociedade, mas que são vistas como ameaças à população. Essa crítica social se exprime na pseudo-reportagem que é apresentada no início do livro sobre as ações dos meninos na cidade. A narrativa traz a visão do jornal, a voz da burguesia, da polícia, do juizado de menores, da mãe de um dos meninos, do Padre e da direção do reformatório. Tudo começa com o relato de um assalto feito pelos “capitães” na casa de uma família burguesa. Mas não é um simples relato, o jornal faz julgamentos a respeito do grupo, os chamando de “precoces criminosos” e culpando seus pais de abandono por serem “pouco servidos de sentimentos cristãos”. A matéria também traz a visão de um menino, filho da família assaltada, que conversou com o capitão Pedro Bala no momento do ato. O subtítulo dessa entrevista é “a opinião da inocência” e mostra a preocupação do jornal com a corrupção da infância do menino rico. Os outros relatos, também ressaltam a “culpa” das crianças de rua. Apenas a mãe e o Padre defendem os meninos.

No decorrer da história, é possível perceber também que o autor faz defesa aos meninos e coloca as autoridades e o clero como opressores. Os capitães como os heróis que tiram dos ricos e guardam para si, os pobres. Ou seja, percebe-se a preocupação do autor com a questão social e permite ao leitor identificar o retrato da população não somente baiana, mas no geral, onde existem indivíduos em situação de vulnerabilidade, pobreza, desigualdades sociais, desemprego, violência, fome e descaso. Além da falta de cuidado e informação. Fica explícito, portanto, as problemáticas sociais da época, como imposições, conduta injusta dos burgueses com os pobres, dos trabalhadores inconformados em busca de direitos e, principalmente, o problema do menor abandonado.

Tomando, portanto, as vestes da literatura de Jorge Amado e partindo do fato de que todo enunciado emerge sempre e necessariamente num contexto cultural, saturado

de significados e valores e é uma representação do contexto. Observando, de início, que o texto vem carregado de fatos comprováveis historicamente, onde fica explícita a questão social, descaso de autoridades e o contexto da época, através das lutas sindicais, anseios comunistas, repressões e doenças do período, como varíola. Objetiva-se analisar a narrativa literária do livro sob a perspectiva da linguagem jornalística. Com isso, têm-se os seguintes objetivos específicos: Desconstruir o enredo a fim de localizar elementos da narrativa jornalística; Identificar os itens de estruturação da reportagem: fato principal, contexto (antecedentes; conjuntura; causas; consequências) e conclusão; Apontar no texto os itens próprios da narrativa literária. Considerando também as técnicas de reportagem, construção textual, apresentação de fontes, personagens. Busca-se responder, portanto, a pergunta: a partir da linguagem utilizada, é possível considerar o livro como uma grande reportagem? Com isso, a desestruturação se dará de forma a observar: a abertura, o fechamento, quanto à estrutura, quanto ao conteúdo e quanto à factualidade.

Sendo assim, a análise tem relevância, pois observa a relação do jornalismo com a literatura e as possibilidades desse envolvimento. Nesse sentido, coloca o objeto escolhido em evidência mostrando que um elemento dito ficcional que é indicado na maioria das escolas como leitura obrigatória para os exames de ingresso ao ensino superior, pode ser além de um exemplo de enredo, mas uma narrativa jornalística que traz realidade e história. Sendo assim, propicia uma reflexão mais apurada dos fatos contidos em uma obra literária e permite ao público refletir sobre algo que em outras circunstâncias não faria. Ou seja, quem lê determinado livro de literatura pode não se preocupar em verificar a veracidade de fatos, uma vez que eles se confundem com a ficção.

Tal estudo aplica as características da grande reportagem à narrativa do livro, de modo a identificar elementos. Esse procedimento é significativo, pois acentua a importância da grande reportagem para o jornalismo e o modo como essa construção pode trazer a notícia de formas peculiares, a exemplo da introdução da literatura às construções textuais dentro dos jornais. Também mostra como esses recursos facilitam a abordagem e a transmissão da informação, pois criam empatia e identificação com o público. Além disso, a análise observa o contexto e a partir dele é possível realizar uma

mediação com a realidade da época, tornando o estudo também um objeto de enriquecimento histórico.

Para a observação será utilizada a análise de conteúdo, pois ela funciona de forma a sondar as dimensões do texto, reduzindo a complexidade. Este procedimento é uma forma de deixar textos mais claros e também é uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetivada (BAUER; GASKEL, 2002). De modo que permite reconstruir indicadores, modos particulares de ver o mundo, valores, atitudes, opiniões e preconceitos. É possível também fazer comparações entre comunidades e reconstruir mapas de conhecimento, compreendendo que as pessoas usam a linguagem para representar o mundo como conhecimento e autoconhecimento. A base para a AC, aquilo que ela leva em consideração é alguma realidade, ou seja, o *corpus* do texto.

2. O JORNALISMO E A GRANDE REPORTAGEM

O homem sempre procurou comunicar-se com os seus semelhantes acerca de sua vivência, buscando compartilhar, trocar e adquirir conhecimento. O jornalismo surgiu aí, veio da necessidade de comunicação e disseminação de informações importantes aos grupos. E, baseando-se em tal interesse, a maneira de contar histórias foi se aprimorando com o tempo e se beneficiou com a criação da escrita e, posteriormente, do papel. O que ocasionou na difusão das cartas contendo notícias, ao qual aproximou o distante e diminuiu o tempo para a chegada das informações. Sabe-se que até o século XIX a evolução técnica da indústria foi lenta e inexpressiva (SOUZA, 2001). Tal fato não impediu o surgimento de jornais pioneiros como: *Noviny Poradné Celého Mesice Zari Léta 1597* (Jornal Completo do Mês Inteiro de Setembro de 1597), mensário editado em Praga por Daniel Sedltchansky, a partir de 1597. O jornal impresso semanário *Nieuwe Tijdinghen*, criado em Antuérpia por Abraão Verhoeven, em 1605. Em 1622, surge na Inglaterra o *Weekly News* e, em 1611, o *Mercure Français*.

A Guerra da Secessão ou Guerra Civil dos Estados Unidos, em 1861, trouxe uma visão e uma necessidade maior do jornalista. Devido a mobilização de correspondentes no palco da batalha, viu-se a importância da descrição dos fatos e, conseqüentemente, da reportagem e grande reportagem. No século XX, a partir da revolução industrial, houve mudanças radicais no fazer jornalístico. A transição das pessoas do campo para a cidade em busca de melhorias de vida e empregos nas fábricas. O surgimento de instrumentos como o telégrafo, a prensa de papel e os caminhos-de-ferro, que conseqüentemente facilitaram a produção dos jornais, ocasionando diminuição de preços. Tais fatores provocaram o crescimento do público leitor. Com isso, o jornalismo teve que se adequar, principalmente na forma de produzir. E foi a partir da necessidade dos repórteres de mudar o estilo das matérias e reformar a modalidade escrita da língua, aproximando-as dos usos orais, do sentimentalismo e incorporando a gramática das ruas, que surgiu a reportagem (LAGE, 2011).

Em virtude de o jornalismo ir se configurando cada vez mais como atividade lucrativa e aparelho industrial de produção diária de notícias, não se pode mais ficar à espera dos acontecimentos. Uma vez que os fatos é que passam a interessar, muito mais que as opiniões, o jornalismo vai se imbuindo cada vez

mais da atitude de verificação dos acontecimentos em estado bruto, in loco. É preciso ir à cata deles, testemunhá-los, para produzir notícias que excitam e saciam o apetite das massas humanas (BULHÕES, 2007, p. 23).

Antes de tal mudança, a imprensa dominante era a opinativa e ideológica (de ideias ou de partido). As causas para este fato foram: a escassez de matéria prima, a pouca alfabetização do povo e a falta de recursos econômicos para grande parte da população, o que limitava a aquisição de jornais somente à elite. Dessa forma, traziam em suas páginas o que interessava a esta massa, além de ser utilizado como instrumento político e econômico. Com a ampliação da audiência, a linguagem utilizada nos jornais teve que ser modificada, pois o novo público era pouco conhecedor da língua. Além disso, com o maior público, começara a se pensar em assuntos de interesse humano (SOUZA, 2001). Quer dizer, a reportagem incorpora não só um novo estilo, novas técnicas, mas um novo compromisso social.

A reportagem colocou em primeiro plano novos problemas, como discernir o que é privado, de interesse individual, do que é público, de interesse coletivo; o que o Estado pode manter em sigilo e o que não pode; os limites éticos do comércio e os custos sociais da expansão capitalista (LAGE, 2011, p. 17).

A reportagem também surge dentro da necessidade da existência de um jornalismo interpretativo, que localiza meios para efetivar a compreensão do leitor acerca do tempo, causas e origens dos fenômenos que presencia e suas consequências no futuro.

A reportagem começa a se esboçar definitivamente no jornalismo atrelada a um novo veículo de comunicação periódica criado nos anos 1920, e a uma nova categoria de prática da informação jornalística, que tem seus primeiros passos definidos também nessa época: a revista semanal de informação geral e o jornalismo interpretativo (LIMA, 2004, p. 18).

Nos anos 60, o jornalismo americano, como conta Wolfe (2005), passou por uma fase em que os profissionais trabalhavam em jornais, mas sonhavam em ser escritores. Dentro das empresas, o clima era de competição, não por cargos, mas por matérias e furos. As formas de trabalho eram ruins, os locais desconfortáveis, mas era muito mais uma questão de ideologia e sonho que de bem-estar e comodidade. Eles não aspiravam subir de cargo, mas serem conhecidos para um dia terem condições de largar tudo e ir para uma cabana escrever um romance. Eram escritores e a técnica jornalista da época não era o que lhes dava prazer.

Hoje em dia – em parte devido ao próprio Novo jornalismo – é difícil explicar o que a ideia de escrever um romance significava nos anos 40, 50 30 até no começo dos anos 60. O romance não era uma mera forma de literatura. Era um fenômeno psicológico. Uma febre cortical (WOLFE, 2005, p. 16).

Mas, exatamente nessa época, nas redações americanas, surgiu uma nova concepção diante das reportagens especiais. Uma descoberta que não mudaria somente a técnica, mas as aspirações dos profissionais: a possibilidade de fazer jornalismo para ser lido como romance. Ou seja, era o encontro daquilo que eles sonhavam com o que já faziam: a literatura e o jornalismo. A reportagem estava se tornando estilosa, havia ritmo, falas, descrição minuciosa de ambientes, fatos. Esse é o tal Novo Jornalismo. SOUZA (2001), afirma que as raízes do novo jornalismo encontram-se não só na literatura de viagens, mas também nas obras de escritores como Hemingway ou Orwell. É uma renovação estilística, ideológica e funcional, em que os jornalistas se sentiam descontentes com suas rotinas e limitações e queriam tornar sua apuração e escrita mais atraente. Nesse novo contexto, como conta o autor, o jornalista se comporta como um “intérprete do fato ativo da realidade, enquanto o jornalismo se perspectiva como um fenômeno da mente e da linguagem”.

Dessa forma, “vai fundamentar sua leitura da realidade na elucidação dos aspectos que em princípio não estão muito claros, almejando preencher os vazios informativos, conforme a terminologia de Luiz Beltrão” (LIMA, 2004, p. 19). Porém, anterior a esse movimento, foram encontrados traços da prática em 1887. Segundo Ferreira (2003), em seu livro *Literatura e Jornalismo, Práticas Públicas*, havia um repórter chamado WT Stead que costumava recriar a atmosfera das entrevistas em seus textos, fazendo matérias participativas. Devido a isso, foi estraçalhado verbalmente pelos profissionais da época e considerado “cabeça oca” e “cérebro de passarinho”.

Deixando de lado a oposição, é possível perceber que com tais mudanças, a atitude do jornalista muda. Agora o jornalista pode ser cineasta e escritor, pode fazer parte da história contada, pode ser o sujeito da narrativa colocado em terceira pessoa ou não, utilizando-se, aliás, de todos os pontos de vista que quiser. Sendo assim, a onda de renovação vinha trazendo mais deleite e ação à obra. E essa era uma grande questão, segundo Wolfe (2005), nas narrativas de não-ficção. Uma vez que a ideia adotada era a de um narrador cuja voz era como as “paredes branco-cru ou cor de massa”. A concepção de fundo neutro decorria de uma tradição britânica centenária. A expressão

usada para definir tal procedimento era “understatement”, que significa discrição. E isso era refletido no tom cansativo das reportagens anteriores, onde quem escrevia buscava o máximo de objetividade e esquecia-se de tornar a leitura prazerosa.

Ao nível discursivo, os novos jornalistas oscilam entre o “eu” e o “eles”. A construção cena por cena, o uso de diálogos na totalidade, o simbolismo de uma linguagem cuidada, as frases curtas, a narração minuciosa, a caracterização das personagens das histórias e a descrição dos ambientes são domínios discursivos que alguns jornalistas começaram a explorar, bem dentro desse espírito da revisão estilística operada com o segundo movimento de Novo Jornalismo. Os títulos também se tornam mais curtos, incisivos e apelativos, ideias que são importadas quer da publicidade, quer do mundo do cinema. As fronteiras entre os mundos comunicacionais esbatem-se (SOUZA, 2001, p. 30).

A modificação ocorreu, como visto, na técnica. Wolfe (2005) conta a história de um colega que foi pioneiro na mudança estilística no jornal em que trabalhava. Pois tornou uma prática chegar ao local antes do evento, a fim de coletar material por trás das câmeras. “Parte de seu modus operandi era colher detalhes ‘romanescos’, os anéis, a transpiração, os socos no ombro.” Dessa forma, a reportagem se tornava maior, no caso, uma grande reportagem. Pois com tantos detalhes e acontecimentos era impossível fazer algo pequeno. “O mais louco é que escrevi um texto sobre as corridas de demolição foi o último que escrevi a se limitar cerca de 1500 palavras. Depois disso, os textos começaram a 3 mil, 4 mil, 5 mil, 6 mil palavras” (WOLFE, 2005, p. 29).

A reportagem é entre os gêneros jornalísticos, aquele que mais se aproxima da ideia estética de reconstrução de uma dada realidade. Um processo de construção semelhante ao utilizado na produção literária, que por vezes incita a ambivalência entre realidade e ficção, porque, ao transformar o visto ou sabido pelo dito, o repórter recria, segundo seu olhar, alguns aspectos do fenômeno (Jorge Luis Borges in GUIRADO, 2004, p. 107).

Existem quatro recursos básicos para a reportagem, dentro do Novo Jornalismo: reconstruir a história cena a cena; registrar diálogos completos, apresentar cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens e registrar hábitos; roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem. A estética da reportagem é critério do jornalista, de acordo com o que espera de seu texto.

2.1 ELEMENTOS CARACTERIZADORES DA REPORTAGEM

Para compreender a reportagem, primeiro é interessante conceituar o que é a mensagem jornalística.

A mensagem jornalística resulta da articulação de um conjunto de elementos estruturais característicos do processo de informação. Da realidade, atual e significativa para o homem de hoje, à representação que se faz dessa realidade num veículo de comunicação, a mensagem codificada pode ser analisada nas relações dos principais elos do processo (MEDINA, 1978, p. 73).

Ou seja, é a união das informações que fazem sentido ao homem acerca do que ele vive ou vê. O que é relevante ao seu convívio com o próximo, ao seu ir e vir e sobre o distante que influência no seu modo de vida. Além disso, é necessário compreender os gêneros possíveis em que tal mensagem pode se encaixar. Melo (1985, p. 22) afirma que além dos gêneros principais, informativo, interpretativo e opinativo, existem mais dois. O diversional, “que engloba textos que, fincados no real, procuram dar uma aparência romanesca aos personagens e fatos captados pelo repórter”. E o utilitário, que é o de serviço e busca trazer informações de auxílio, prestar serviço a população.

A etimologia do verbo reportar, segundo o dicionarista José Pedro Machado, tem sua origem no latim *reportare* “regressar com, tornar a trazer; trazer uma notícia, uma resposta”. Então a reportagem é uma espécie de resposta a alguém sobre algo que aconteceu, existiu ou existe. E contar da forma como se viu não basta para ser uma reportagem, porque seria apenas um relato ou diário de bordo. Mas trazer uma visão além do que é possível enxergar. Ou seja, não é somente a transcrição do acontecimento, mas reproduzir pormenores, de acordo com seu próprio ponto de vista. Para isso, o relator (jornalista) deve exercer uma visão minuciosa de fatos pequenos em torno do grande fato que parecem não ter importância, mas que podem conter respostas necessárias.

A reportagem configura-se como o local da contextualização e do aprofundamento dos temas, possibilitando aos leitores a ampliação e a compreensão do mundo, levando-os a questionar os ‘comos’ e os ‘porquês’ da realidade. O jornalismo exercendo um de seus muitos papéis: iluminar a cena e possibilitar, assim, o entendimento dos fatos, de preferência reportando-os de modo interessante e aprazível (RODRIGUES, 2003, p. 16).

Um termo que pode ser sinônimo e ao mesmo tempo contribuir para a compreensão da reportagem é investigação. Guirado (2004, p. 23) explica que a

reportagem é a arte de investigar, sendo investigação considerada apreensão de fatos, técnicas de pesquisa e métodos de raciocínio.

Entende-se a reportagem como a ampliação da notícia, a horizontalmente do relato, no sentido de abordagem extensiva em termos de detalhes, e também sua verticalização, no sentido de aprofundamento da questão do foco, em busca de suas raízes, suas implicações, seus desdobramentos possíveis (LIMA, 2004, p. 26).

Assim, portanto, narrar fatos a quem não pode estar presente e trazer o conhecimento da realidade social do momento, de forma profunda. Um exemplo disso foi a narrativa de Euclides da Cunha, que, enviado ao sertão da Bahia pelo jornal que trabalhava (O Estado de São Paulo), cobriu a guerra de Canudos. O resultado disso é o livro “Os Sertões” (1902), onde ele retrata cenas de uma terra ainda desconhecida, aprofundando, resgatando a história para contextualizar os fatos, utilizando fontes cruciais. Ou seja, foi observar, andar e viver como quem fosse parte do contexto relatado, agregando elementos no conteúdo da narrativa. Além da riqueza do conteúdo informativo, Euclides insere em sua obra uma narrativa artística, o que o leva a preencher duas categorias: jornalismo e literatura. Afinal, como afirma Rodrigues (2003, p. 27), “a inspiração para narrativa das reportagens vem da literatura do século XVI”.

Para além deste detalhe, observa-se que a reportagem é o retrato profundo de algum acontecimento, como se não fosse somente o quadro na parede, mas o quadro e a explicação de sua construção, mais seus pontos de vista. O repórter para em frente ao quadro, o observa. Ao lado esquerdo, ao direito, de perto e de longe, de baixo e de cima, e observa. O que ele viu? É como descrever uma história, mas, apesar de parecer fácil, tem uma “equação” que cabe somente ao repórter resolver.

Fácil porque, no fundo, reportagem é apenas a técnica de contar boas histórias. Todos sabem contar histórias. Se bem alfabetizado, pode-se até contá-las em português correto e pronto: está-se fazendo uma reportagem, até sem o saber. Difícil porque o repórter persegue esse ser chamado verdade, quase sempre inatingível ou inexistente ou tão repleto de rostos diferentes que se ocorre permanentemente o risco de não conseguir captá-los todos e passá-los todos para o leitor/ouvinte/telespectador (Clóvis Rossi in KOTSCHO, 1990, p. 10).

Se a notícia é o gênero jornalístico básico, a reportagem é o seu gênero nobre, o da excelência. O principal motivo ainda é informar, porém com profundidade e

exaustividade, contando uma história. Neste gênero, busca-se que o leitor viva o acontecimento e, para isso, ele “pode abrigar elementos de entrevista, notícia, crônica, artigos de opinião e de análise. Portanto, é um gênero jornalístico híbrido” (SOUZA, 2001, p. 259). Ela se amplia de tal forma que é capaz de incluir quase todos os temas do conhecimento e desconhecimento humano e pressupõe determinada interpretação permitindo certa margem de opinião, em temas complexos. Como afirma Lage (2005), um dos elementos que torna a reportagem mais necessária aos homens contemporâneos é busca de explicações. “Cada narrativa constrói seu próprio universo e o serve, em postas, aos leitores”.

A reportagem pode ser de fatos (Fact-history), quando é o relato objetivo do acontecimento que obedece à forma de pirâmide invertida, com os fatos narrados por ordem de importância. De ação (Action-story), relato mais ou menos movimentado, iniciado pelo fato mais atraente. E documental (Quote-story), que apresenta os elementos de forma objetiva, junto de citações com a função de complementar e esclarecer um fato (SODRÉ; FERRARI, 1986). Quanto à estrutura, pode-se utilizar a análise de Medina (1978, p. 60) às reportagens de João do Rio, jornalista brasileiro que trouxe um novo formato para a atividade. Tal construção se divide em duas partes. A primeira refere-se ao universo da informação jornalística: a observação da realidade; a coleta de informações, por meio de entrevista a fontes específicas; a ampliação da informação nuclear em certo aprofundamento de contexto de humanização e de reconstituição histórica.

A segunda parte da estrutura corresponde ao tratamento estilístico: descrição de ambientes e fatos e o repórter narrador; o diálogo repórter fonte; o ritmo narrativo da reportagem; a frase e os recursos literários. Desta maneira, para que se obtenha uma reportagem que se encaixe nos parâmetros conceituais, é preciso seguir os passos necessários. Segundo Rodrigues (2003) o processo se inicia a partir da decisão da pauta, ou seja, do que será informado. Posterior a isso, segue a captação de dados, aprofundamento e contextualização dos fatos, redação e edição.

Considera-se artístico o processo de criação, pois envolve observação, investigação e construção do texto, que, embora distante do texto literário, não deixa de exigir do repórter habilidades especiais para perceber, traduzir e manusear palavras que reproduzam a realidade. Arte de perceber. Arte de investigar. Arte de narrar (GUIRADO, 2004, p. 22-23).

Selecionar o que tem relevância em algum âmbito social inicia-se primeiro a partir da observação da realidade. Só assim é possível compreender o que irá provocar mudanças ou afetar a população, o que aconteceu ou está acontecendo que merece ser informado. O segundo passo para a construção de uma reportagem é a recolha de informações. Tal passo baseia-se na investigação. O jornalista pode utilizar-se de objetos de apreensão com gravador, bloco de notas e caneta. Obviamente, as informações não podem ser apenas recolhidas. Também devem ser verificadas e contrastadas, para serem, posteriormente, processadas (SOUZA, 2001, p. 71).

O processo de investigação funciona na construção do texto como um apanhado de materiais que são levados a um laboratório. Após a decantação, as substâncias envolvidas mostram quais as novas possibilidades de mudanças entre a realidade e sua reconstrução (GUIRADO, 2004, p. 96).

O olhar do jornalista, como já foi dito, é o que diferencia da observação de qualquer pessoa. De modo que busca vários olhares e não somente o seu. Ele olha como alguém alheio, como a vítima, o culpado, as testemunhas, a criança, o local. Para isso, o meio mais comum é a entrevista, o ouvir de cada relato, como forma de obtenção de informações. A escolha de perguntas apropriadas é tão importante quanto a escolha da fonte, pois através delas que surgem os vários olhares. A coleta de informações por meio de fontes, ou melhor, entrevista a fontes, é a grande conquista técnica que João do Rio lança no jornal brasileiro (MEDINA, 1978, p. 60-61). A importância dessa técnica é inquestionável, como afirma Souza (2001, p. 236), “a pergunta é a principal técnica jornalística de recolha de dados junto de fontes humanas. A maioria das entrevistas serve, essencialmente, para revelar a personalidade de um actor social ou para dar a conhecer o seu ponto de vista sobre uma realidade”.

A observação sem interferência também é um método usado pelo profissional e que pode levar muito tempo. Outros meios de obter informação é a análise de dados, documentos, registro histórico. Existe também a reportagem que se baseia em trazer ao conhecimento algo que está sendo mantido em oculto por interesses da fonte ou dos envolvidos. Neste caso, a investigação dura mais tempo e envolve, em alguns casos, a desinformação. Que é quando tem pessoas interessadas em manter o jornalista longe da descoberta. “É você procurar descobrir e contar pra todo mundo aquilo que se está

querendo esconder da opinião pública” (KOTSCHO, 2005, p. 34). Esse é considerado o ramo mais difícil e, talvez, por isso o mais fascinante.

Uma das funções da imprensa é ampliar os temas, através de pesquisas proporcionais por mais tempo disponível, por exemplo, e a busca por pluralidade de vozes na narrativa, entre outros fatores. Na tentativa de ampliar os relatos, a reportagem configura-se como o meio em que os assuntos podem ser correlacionados, permitindo a compreensão da realidade (RODRIGUES, 2003, p. 35).

A reportagem permite a autonomia do jornalista na construção, segundo passo do processo, pois é possível inserir suas próprias impressões. É um espaço apropriado para expor causas, consequências, contexto, interpretação e aprofundamento. Além disso, a construção utiliza-se títulos mais curtos, incisivos e apelativos, uso de cenas, diálogos na totalidade, linguagem cuidada, frases curtas, narração minuciosa, caracterização dos personagens das histórias e a descrição dos ambientes, bem dentro da revisão estilística operada com o segundo movimento de Novo Jornalismo.

A observação e descrição dos cenários e das personagens é uma das formas de aproximar o leitor das experiências que o jornalista viveu. Os pormenores e as singularidades dos espaços, dos objetos e das pessoas são extremamente importantes: um jarro de flores de plástico em cima da mesa, uma toalha florida, a voz rouca e profunda de um combatente calejado, uma espingarda ferrugenta, um longo e aguçado bigode, tudo pode ser descrito para mergulhar o leitor no cenário. Na reportagem, é muitas vezes importante narrar os factos como se estivessem a ocorrer, para permitir ao leitor a imersão na ação (SOUZA, 2001, p. 265).

Em princípio, portanto, a reportagem deve privilegiar a observação direta, mas é necessário ser complementada com entrevistas, análise de documentos, dados. Entretanto, não existem regras fixas. O texto pode incluir narração, descrição, citações, dados numéricos, análise, opinião. Estruturalmente, a reportagem deve ter pelo menos um título, uma entrada (embora o jornalista possa também ir diretamente para o *lead*) e um corpo textual, eventualmente separado em blocos. As grandes reportagens, com frequência, admitem uma peça central e pequenas peças autônomas associadas a essa peça central. Normalmente, a reportagem estrutura-se nos três tempos clássicos: fato principal, contexto (antecedentes; conjuntura; causas; consequências), conclusão (SOUZA, 2001). A reportagem de tema factual, ou não, oportuniza ao profissional a construção de um texto diferenciado, mas que deve ser coerente com o objetivo de

informar, capaz de prender o leitor e, ainda, ser aprazível possibilitando também a compreensão do que é expresso nas linhas da matéria (RODRIGUES, 2003, p. 16).

As principais características da reportagem são predominância da narração, humanização do relato, texto impressivo e factualidade da narrativa. Ela pode ser de origem: rotina, do dia-a-dia; imprevista, sobre um acontecimento repentino; planejada, agendada. Enunciada em primeira ou terceira pessoa, de acordo com a escolha do jornalista. Quanto ao tipo, pode ser de acontecimento; onde o tema central é um acontecimento; de personalidade, cujo foco é a pessoa; temático, sobre um determinado tema; mista, que integra vários elementos dos outros tipos de reportagens. Também pode ser curta ou grande, que ocupa várias páginas que geralmente são divididas em peças menores para facilitar a leitura. E em relação as características estéticas e formais, divide-se em: narrativa; expõe uma história; descritiva, caracteriza pessoas, acontecimentos, fenômenos, lugares; explicativa, esclarece um fato de difícil compreensão; de citações, baseia-se em citações de terceiros; mista, que une vários elementos dos outros tipos. Em termos de linguagem, pode ser informal ou coloquial, formal e técnica, reportagem especializada que se utiliza de vocabulário específico do tema abordado. Quando é abordada a questão do texto de estilo individualizado na reportagem, fala-se no desafio da união da informação com a qualidade narrativa (RODRIGUES, 2003, p. 15).

O texto da reportagem precisa de um começo, meio e fim. O início (título, entrada, lead) da reportagem é, provavelmente, o seu ponto crucial, pois é onde envolve o leitor no tema. Portanto, o título geralmente é aliciante e o *lead* contém dados que suscitam a vontade de continuar a história. Outras formas mais comuns de abrir uma reportagem são: explorando o interesse humano, expondo um caso particular antes de se partir para o geral, ou mesmo descrevendo um pormenor insólito. Também é comum utilizar elementos como: realce de detalhes, da visão, da audição, do protagonista, de frase feita, de jogo de palavras, da recapitulação de assunto já noticiado. No desenvolvimento usa-se a enumeração de situações, descrição de detalhes, confronto, comparação, exemplificação, causa-efeito, definição, ordenação cronológica ou espacial, cena a cena, retardamento da ação (por reflexão, introdução de diálogo, por caracterização de personagem, por caracterização de espaço físico), aceleração. E para o final, é frequente fazer uma proposta, um resumo ou promover efeito surpresa. Os tipos

de reportagem podem ser: perfil, drama social, cobertura de grandes eventos (sejam eles inesperados- como catástrofes-, ou previamente organizados).

2.2 APROXIMAÇÃO COM ELEMENTOS DA LITERATURA

O relacionamento do jornalismo com a literatura tem diferentes visões e opiniões. Alguns dizem que essa relação não passa de um momento histórico em que os escritores assumiram funções dentro dos jornais ou refere-se à crítica de obras dentro dos folhetins. Outros identificam o conceito com o movimento do Novo Jornalismo ou incluem as biografias, o romance-reportagem e a ficção jornalística (PENA, 2008). Mas é impossível negar que essa influência exista e faz parte das redações até hoje e que está mais relacionada a uma questão linguística e estrutural.

Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível (PENA, 2008, p. 21).

A diferença entre o texto jornalístico e o literário é que no primeiro a narrativa tem um compromisso com o real. E no literário, o autor tem a liberdade de basear sua narrativa unicamente em fatos imaginados, ou misturá-los com fatos reais. Porém, no texto de literatura, as fronteiras entre o que é fruto da imaginação do narrador e o que é real nem sempre está bem demarcada. “E na imaginação do leitor os personagens, mesmo reais, percorrem caminhos da ficção” (MIOTTO, 2003, p. 49). O que fica claro para o leitor é a intenção do escritor e não os fatos contidos no texto. Por exemplo, dificilmente um leitor brasileiro vai procurar saber se uma literatura inglesa tem margens de verdade, mas se ele ler uma reportagem inglesa saberá que retrata a realidade do local. Pelo que leu? Não, pela diferença no gênero da comunicação e nos compromissos assumidos. Uma vez que a literatura objetiva ser expressão dos pensamentos do autor e o conteúdo jornalístico busca descrever o que existe, sem vir à tona elementos que passeiam no imaginário do profissional. Segundo Bulhões (2007, p.11), “seria da natureza do jornalismo tomar a existência como algo observável, comprovável palpável, palpável, a ser transmitido como produto digno de credibilidade”.

Danton Jobim diferencia o literato do jornalista com a seguinte frase: “Um voltado para as exigências imediatas e passageiras do grande público, o outro curvado sobre os temas universais e permanentes que nascem da natureza do homem e do mistério da vida” (apud MEDINA, 1978, p. 67).

Que o texto literário é mais atrativo, não há dúvidas. Esse fator tomou proporções capitalistas, a exemplo na França e Grã-Bretanha, a partir de 1830, pois se aproveitou do folhetim para atrair mais leitores. Era um negócio bom para todos. Os escritores ganhavam mais e adquiriam visibilidade, o jornal obtinha mais lucro e os anunciantes recebiam o retorno do que investiam (PENA, 2008). O prazer na leitura literária está incumbido exatamente em um dos elementos principais de diferenciação dos gêneros, a linguagem. A natureza literária parece ser oposta ao jornalismo, uma vez que ela se utiliza da linguagem verbal em uma dimensão que ela é fim, e não meio. E ao jornalismo a linguagem é meio, médium, não fim. Sendo assim, ler um texto literário significa observar o mundo de forma criativa, digerindo uma linguagem rica que constitui, cria, recria, muda, exonerando de sua função cotidiana e costumeira (BULHÕES, 2007).

No jornalismo, as palavras são o meio de unir distantes: os fatos e os leitores. A razão de ser de um termo, no texto jornalístico, é informar, tentar passar o sentido do acontecimento, a realidade do fato. Na literatura, os vocábulos são costurados em nome da criação estética, onde o que importa é o prazer do leitor, as tramas fictícias, às vezes com base no real (RODRIGUES, 2003, p. 15).

Outro atributo importante da literatura é o elemento ficcional. Esse sim é o que não pode e nem deve ser encontrado no jornalismo. A não ser que sirva de base para algo que ocorreu na realidade. A parte fantasiosa do texto literário foi o que saciou a humanidade, em tempos sem cinema, televisão e internet. De modo que o olhar do homem se lança sobre algo que é possível se inserir e viajar por terras não conhecidas, mas imaginadas. “Não interessaria à literatura extrair a verdade, mas uma verdade simbólica ou alegórica” (BULHÕES, 2007, p. 16). Outro ponto importante é que ainda existirá literatura se lhe tirarmos a ficção, pois o escritor é quem decide de onde partirá sua obra, sabendo-se que todo objeto possui um contexto, um campo de produção. E ele pode escolher a própria realidade. Porém, como já foi dito, não possui compromisso factual. Além disso, a contemporaneidade não é necessária, uma vez que uma obra ultrapassa os valores de tempo.

A trajetória do jornalismo parece desenhar um movimento em sentido oposto ao da literatura. O percurso de suas transformações indica claramente o esforço de firmar um compromisso com a factualidade. Se a literatura habita o espaço permissivo da ficcionalidade, o jornalismo parece ter diante de si o horizonte prescritivo daquilo que é razoável, crível ou admissível, a partir do qual deverá recolher o factual consumado, efetivado, a ser transformado em informação (BULHÕES, 2007, p. 25-26).

O jornalismo segue pelo campo informativo, para o efêmero, passageiro, circunstancial e urgente. Quando a literatura segue para o essencial humano, para o importante. Por isso não rasgamos os livros e sim os jornais (MEDEL, 2005, p. 18). O jornalista trabalha no momento do ocorrido, no cotidiano. O escritor literário na retrospectiva, na análise, na contemplação. Ambas as atividades buscam comunicar histórias, descobrir e revelar outras verdades. Além de buscarem trazer conhecimento ao mundo, sendo a literária de forma imaginativa e alegórica. Tal motivo não a torna necessariamente menos verdadeira. Diante disso, é importante abordar o relacionamento desses campos, ou seja, o encontro de elementos. Para tal, observa-se a afirmação de Rodrigues: “a riqueza das construções literárias, no entanto, pode ser utilizada, pelo jornalismo, como forma de enriquecer o texto, qualificando a narrativa dos fatos e tornando a leitura aprazível. São os recursos da arte a serviço da informação” (2003, p.15).

Um ponto significativo da justaposição dos dois gêneros é a narratividade. Produzir textos narrativos, que contam uma sequência de eventos que se sucedem no tempo, é algo que inclui tanto a evidência literária como jornalística. A narratividade está intimamente vinculada à necessidade humana de conhecimento e revelação do mundo ou da realidade (BULHÕES, 2007). Narrar, narrador, narrativa derivam de narro, vocábulo latino que significa “dar a conhecer”. O conto e o romance, na literatura, a notícia e a reportagem, no jornalismo, são os gêneros que têm em si a natureza narrativa. Na reportagem é possível o cruzamento com o conto e o romance. Pois tem como uma de suas possibilidades de realização a progressão narrativa, na qual se dá uma mudança de estados no tempo. Com isso, houve a possibilidade do surgimento da reportagem-conto, onde se utiliza o modelo do conto, a particularização da ação, a escolha de personagem para ilustrar o tema. A reportagem-crônica, que tem caráter mais circunstancial e ambiental. E o livro-reportagem, ao qual pode ser união de

textos já publicados em jornal, com organicidade temática ou narrativa. Ou quando o trabalho jornalístico é feito para livro (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 95).

Além disso, o romance sedimentou um repertório vastíssimo de exercícios de elaboração narrativa com ofertas técnicas, processos e recursos que se disponibilizam ao exercício textual da reportagem jornalística.

A reportagem ultrapassa o simples anunciar do acontecimento, dedica-se a detalhar os fatos, situando-os no entorno de suas motivações e implicações. Possui variantes de formato, ora mais descritivos, narrativos, expositivos, dissertativos; e constrói-se com a apuração laboriosa das informações, por meio de entrevistas e da consulta a diferentes versões (BULHÕES, 2007, p. 44-45).

O surgimento da reportagem, dentro da Guerra Civil, traz a necessidade de um jornalista no palco das ações dos acontecimentos, trazendo voz de quem convive estreitamente com o fato, realizando entrevistas, descrevendo testemunhas e o cenário da guerra. Tal necessidade forja uma atitude individualizada, centrada na figura do eu que reporta, o que insinua a presença de marcas de pessoalidade na forma expressiva. O que permite circunscrever a reportagem e, conseqüentemente, a grande reportagem na viabilidade na realização de um estilo, tornando tal gênero ao ambiente mais inventivo da textualidade informativa. Pode entender-se como uma realização descritiva, na composição astuciosa de um personagem ou na coloração de um cenário. Desse modo, ela ensaia aproximação com realizações da prosa de ficção ou transporta marcas da própria literariedade. Atualmente surgiu o romance-reportagem e o livro-reportagem, que busca assimilar dotes da tradição romanesca dentro da notícia.

3 ANÁLISE

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A obra é considerada uma ficção, porém os relatos dos personagens são baseados em fatos reais que podem ser compreendidos na perspectiva jornalística e na literária. Diante disso, a metodologia utilizada para a observação será a análise de conteúdo que permitirá, através da linguagem, explorar tais dimensões. Essa maneira de observar extrai informações do todo de modo que existam novas informações.

Através da reconstrução de representações, os analistas de conteúdo inferem expressão dos contextos, e o apelo através desses contextos. Se enfocarmos a fonte, o texto é um meio de expressão. Fonte e público são o contexto e o foco de inferência. Um corpus de texto é a representação e a expressão de uma variável dependente, a coisa a ser explicada. Textos atribuídos contêm registros de eventos, valores, regras e normas, entretenimento e traços de conflito de argumento (BAUER; GASKEL, 2002 p. 192).

Para realizar esse procedimento, é necessário que se tenha um referencial de codificação, ou seja, um conjunto de questões com o qual é possível tratar os materiais e adquirir respostas, dentro das alternativas. As questões serão, portanto, no âmbito das técnicas de produção da grande reportagem, linguagem jornalística, descrição de personagens e o contexto em que estão inseridos, a partir dos desdobramentos do contexto social. Como texto literário a partir da presença de personagens, foco narrativo, estrutura, fases, modos de narrar, tipos de abertura, de desenvolvimento e fechamento. Como texto jornalístico, realizando uma desconstrução estrutural a fim de evidenciar a aproximação com a grande reportagem, buscando os elementos de enquadramento na tipologia e classificação.

3.2 “CAPITÃES DA AREIA” E O SEU CONTEXTO

A obra, considerada parte da segunda fase do modernismo (1930-1945), é o retrato da sociedade vista pelo autor. Nela, cerca de 100 menores, em sua maioria meninos, percorrem as linhas do livro, protagonizando situações de abandono, perdas de familiares, enganos, roubos, brigas e também sonhos e infância. Infância tal que por

vezes parece ter se perdido devido ao grande número de situações que se tem a impressão de que adultos as vivenciam e não meninos. O autor traz com detalhes os sentimentos e sonhos de cada criança, além da visão impiedosa da burguesia e autoridades acerca deles. Os únicos que desejam ajudá-los não têm poder para isso.

Considerando a estrutura em que se conta a história, a partir de agora será feita a análise observando os elementos que a caracterizam e destacando trechos do livro que podem ser indicadores da reportagem e do texto jornalístico. Com isso, buscando os elementos de enquadramento dentro de uma tipologia e classificação. Além de reforçar o encontro com o texto literário.

3.2.1 Abertura e fechamento

Diante das características da reportagem, observa-se que ela possui começo, meio e fim. Portanto, se faz necessário analisar a abertura e o fechamento do texto, questionando: Quais foram os elementos utilizados para iniciar a história? Como se deu a apresentação do tema? Nas primeiras páginas do livro vê-se uma espécie de contextualização. O autor insere uma reportagem da coluna de “Fatos policiais” publicada pelo *Jornal da Tarde*, um periódico local. O capítulo é titulado como “Cartas à redação”. Primeiramente apresenta-se o fato a partir de um acontecimento: Um assalto dos capitães em uma residência. Segue a reportagem completa, na mesma estrutura exposta no livro:

Crianças ladronas

As aventuras sinistras dos "Capitães da Areia" - A cidade infestada por crianças que vivem do furto - Urge uma providência do Juiz de Menores e do chefe de polícia - Ontem houve mais um assalto.

Já por várias vezes o nosso jornal, que é sem dúvida o órgão das mais legítimas aspirações da população baiana, tem trazido notícias sobre a atividade criminosa dos "Capitães da Areia", nome pelo qual é conhecido o grupo de meninos assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe. Essas crianças que tão cedo se dedicaram à tenebrosa carreira do crime não têm moradia certa ou pelo menos a sua moradia ainda não foi localizada. Como também ainda não foi localizado o local onde escondem o produto dos seus assaltos, que se tornam diários, fazendo Jus a unia Imediata

providência do Juiz de Menores e do dr. Chefe de Polícia. Esse bando que vive da rapina se compõe, pelo que se sabe, de um número superior a 100 crianças das mais diversas idades, indo desde os 8 aos 16 anos. Crianças que, naturalmente devido ao desprezo dado à sua educação por pais pouco servidos de sentimentos cristãos, se entregaram no verdor dos anos a uma vida criminosa. São chamados de "Capitães da Areia" porque o cais é o seu quartel-general. E têm por comandante um mascote dos seus 14 anos, que é o mais terrível de todos, não só ladrão, como já autor de um crime de ferimentos graves, praticado na tarde de ontem. Infelizmente a identidade deste chefe é desconhecida. O que se faz necessário é uma urgente providência da polícia e do juizado de menores no sentido da extinção desse bando e para que recolham esses precoces criminosos, que já não deixam a cidade dormir em paz o seu sono tão merecido, aos Institutos de reforma de crianças ou às prisões. Passemos agora a relatar o assalto de ontem, do qual foi vítima um honrado comerciante da nossa praça, que teve sua residência furtada em mais de um conto de réis e um seu empregado ferido pelo desalmado chefe dessa malta de jovens bandidos.

Na residência do comendador José Ferreira

No Corredor da Vitória, coração do mais chique bairro da cidade, se eleva a bela vivenda do Comendador José Ferreira, dos mais abastados e acreditados negociantes desta praga, com loja de fazendas na rua Portugal. É um gosto ver o palacete do comendador, cercado de jardins, na sua arquitetura colonial. Pois ontem esse remanso de paz e trabalho honesto passou uma hora de indescritível agitação e susto com a invasão que sofreu por parte dos "Capitães da Areia". Os relógios badalavam as três horas da tarde e a cidade abafava de calor quando o jardineiro notou que algumas crianças vestidas de molambos rondavam o jardim da residência do comendador. O jardineiro tratou de afastar da frente da casa aqueles incômodos visitantes. E, como eles continuassem o seu caminho, descendo a rua, Ramiro, o jardineiro, voltou ao seu trabalho nos jardins do fiando do palacete. Minutos depois, porém, era o

Assalto

Não tinham passado ainda cinco minutos quando o jardineiro Ramiro ouviu gritos assustados vindos do interior da residência. Eram gritos de pessoas terrivelmente assustadas. Armandose de uma foice o jardineiro penetrou na casa e mal

teve tempo de ver vários moleques que, como um bando de demônios (na expressão curiosa de Ramiro), fugiam saltando as janelas, carregados com objetos de valor da sala de jantar. A empregada que havia gritado estava cuidando da senhora do comendador, que tivera um ligeiro desmaio em virtude do susto que passara. O Jardineiro dirigiu-se às pressas para o jardim, onde teve lugar a

Luta

Aconteceu que no jardim a linda criança que é Raul Ferreira, de 11 anos, neto do comendador, que se achava de visita aos avós, conversava com o chefe dos "Capitães da Areia", que é reconhecível devido a um talho que tem no rosto. Na sua inocência, Raul ria para o malvado, que sem dúvida pensava em furtá-lo. O jardineiro se atirou então em cima do ladrão. Não esperava, porém, pela reação do moleque, que se revelou um mestre nestas brigas. E o resultado é que, quando pensava ter seguro o chefe da malta, o jardineiro recebeu uma punhalada no ombro e logo em seguida outra no braço, sendo obrigado a largar o criminoso, que fugiu. A polícia tomou conhecimento do fato, mas até o momento que escrevemos a presente nota nenhum rastro dos "Capitães da Areia" foi encontrado. O Comendador José Ferreira, ouvido pela nossa reportagem, avalia o seu prejuízo em mais de uni conto de réis, pois só o pequeno relógio de sua esposa estava avaliado em 900\$ e foi furtado.

Urge uma providência

Os moradores do aristocrático bairro estão alarmados e receosos de que os assaltos se sucedam, pois este não é o primeiro levado a efeito pelos "Capitães da Areia". Urge uma providência que traga para semelhantes malandros um justo castigo e o sossego para as nossas mais distintas famílias. Esperamos que o ilustre Chefe de Polícia e o não menos ilustre dr. Juiz de Menores saberão tomar as devidas providências contra esses criminosos tão Jovens e já tão ousados.

A opinião da inocência

A nossa reportagem ouviu também o pequeno Raul, que, como dissemos, tem onze anos e já é dos ginasianos mais aplicados do Colégio Antônio Vieira. Raul mostrava uma grande coragem, e nos disse acerca da sua conversa com o terrível chefe dos "Capitães da Areia". -- Ele disse que eu era um tolo e não sabia o que era brincar. Eu respondi que tinha uma bicicleta e muito brinquedo. Ele riu e disse que tinha a rua e o cais. Fiquei gostando dele, parece um desses meninos de cinema que fogem de casa

para passar aventuras. Ficamos então a pensar neste outro delicado problema para a infância que é o cinema, que tanta ideia errada infunde às crianças acerca da vida. Outro problema que está merecendo a atenção do dr. Juiz de Menores. A ele volveremos. (Reportagem publicada no jornal da Tarde, na página de Fatos Policiais, com um clichê da casa do comendador e um deste no momento em que era condecorado) (p. 11-14).

Após a notícia, uma série de cartas enviadas ao jornal:

Carta do Secretário do Chefe de polícia à Redação do Jornal da Tarde

Sr. Diretor do Jornal da Tarde Cordiais saudações. Tendo chegado ao conhecimento do dr. Chefe de Polícia a local publicada ontem na segunda edição desse jornal sobre as atividades dos "Capitães da Areia", bando de crianças delinquentes, e o assalto levado a efeito por este mesmo bando na residência do comendador José Ferreira, o dr. Chefe de Polícia se apressa a comunicar à direção deste jornal que a solução do problema compete antes ao juiz de maiores que à polícia. A polícia neste caso deve agir em obediência a um pedido do dr. Juiz de Menores. Mas que, no entanto, vai tomar sérias providências para que semelhantes atentados não se repitam e para que os autores do de anteontem sejam presos para sofrerem o castigo merecido. Pelo exposto fica claramente provado que a polícia não merece nenhuma crítica pela sua atitude em face desse problema. Não tem agido com maior eficiência porque não foi solicitada pelo juiz de menores. Cordiais saudações. Secretário do Chefe de Policia. (Publicada em primeira página do Jornal da Tarde, com clichê do chefe de polícia e um vasto comentário elogioso.)

Carta do Doutor Juiz de Menores à Redação do Jornal da Tarde

Exmo. Sr. Diretor do Jornal da Tarde. Cidade do Salvador Neste Estado. Meu caro patrício. Cordiais saudações. Folheando, num dos raros momentos de lazer que me deixam as múltiplas e variadas preocupações do meu espinhoso cargo, o vosso brilhante vespertino, tomei conhecimento de unia epístola do Infatigável doutor Chefe de Polícia do Estado, na qual dizia dos motivos por que a Polícia não pudera até a data presente intensificar a meritória campanha contra os menores delinquentes que infestam a nossa urbe. Justifica-se o doutor Chefe de Polícia declarando que não possuía ordens do juizado de menores no sentido de agir contra a delinquência infantil. Sem querer absolutamente culpar a brilhante e infatigável Chefia de Polícia, sou

obrigado, a bem da verdade (essa mesma verdade que tenho colocado como o farol que ilumina a estrada da minha vida com a sua luz puríssima), a declarar que a desculpa não procede. Não procede, sr. Diretor, porque ao juizado de menores não compete perseguir e prender os menores delinquentes e, sim, designar o local onde devem cumprir pena, nomear curador para acompanhar qualquer processo conta eles instaurado, etc. Não cabe ao juizado de menores capturar os pequenos delinquentes. Cabe velar pelo seu destino posterior. E o sr. doutor Chefe de Polícia sempre há de me encontrar onde o dever me chama, porque jamais, em 50 anos de vida impoluta, deixei de cumpri-lo. Ainda nestes últimos meses que decorreram mandei para o Reformatório de Menores vários menores delinquentes ou abandonados. Não tenho culpa, porém, de que fujam, que não se impressionem com o exemplo de trabalho que encontram naquele estabelecimento de educação e que, por meio da fuga, abandonem um ambiente onde se respiram paz e trabalho e onde são tratados com o maior carinho. Fogem e se tornam ainda mais perversos, como se o exemplo que houvessem recebido fosse mau e daninho. Por quê? Isso é um problema que aos psicólogos cabe resolver e não a mim, simples curioso da filosofia. O que quero deixar claro e cristalino, sr. Diretor, é que o doutor Chefe de Polícia pode contar com a melhor ajuda deste juizado de menores para intensificar a campanha contra os menores delinquentes. De V. Exa., admirador e patricio grato, Juiz de Menores. (Publicada no jornal da Tarde com o clichê do juiz de menores em uma coluna e um pequeno comentário elogioso)

Carta de uma Mãe, Costureira, à Redação do Jornal Da Tarde

Sr. Redator: Desculpe os erros e a letra pois não sou costureira nestas coisas de escrever e se hoje venho a vossa presença é para botar os pontos nos ii. Vi no jornal uma notícia sobre os furtos dos "Capitães da Areia" e logo depois veio a polícia e disse que ia perseguir eles e então o doutor dos menores veio com uma conversa dizendo que era uma pena que eles não se emendavam no reformatório para onde ele mandava os pobres. É pra falar no tal do reformatório que eu escrevo estas mal traçadas linhas. Eu queria que seu jornal mandasse uma pessoa ver o tal do reformatório para ver como são tratados os filhos dos pobres que têm a desgraça de cair nas mãos daqueles guardas sem alma. Meu filho Alonso teve lá seis meses e se eu não arranjasse tirar ele daquele inferno em vida, não sei se o desgraçado viveria mais seis meses. O menos que acontece pros filhos da gente é apanhar duas e três vezes por dia. O diretor de lá vive

caindo de bêbedo e gosta de ver o chicote cantar nas costas dos filhos dos pobres. Eu vi isso muitas vezes porque eles não ligam pra gente e diziam que era para dar exemplo. Foi por isso que tirei meu filho de lá. Se o jornal do senhor mandar uma pessoa lá, secreta, há de ver que comida eles comem, o trabalho de escravo que têm, que nem um homem forte aguenta, e as surras que tomam. Mas é preciso que vá secreto senão se eles souberem vira um céu aberto. Vá de repente e há de ver quem tem razão. E por essas e outras que existem os "Capitães da Areia". Eu prefiro ver meu filho no meio deles que no tal reformatório. Se o senhor quiser ver unia coisa de cortar o coração vá lá. Também se quiser pode conversar com o Padre José Pedro, que foi capelão de lá e viu tudo isso. Ele também pode contar e com melhores palavras que eu não tenho. (Maria Ricardina, costureira.) (publicada na quinta pagina do jornal da Tarde, entre anúncios, sem clichês e sem comentários)

Carta do Padre José Pedro à Redação do jornal da Tarde

Sr. Redator do Jornal da Tarde. Saudações em Cristo. Tendo lido, no vosso conceituado jornal, a carta de Maria Ricardina que apelava para mim como pessoa que podia esclarecer o que é a vida das crianças recolhidas ao reformatório de menores, sou obrigado a sair da obscuridade em que vivo para vir vos dizer que infelizmente Maria Ricardina tem razão. As crianças no aludido reformatório são tratadas como feras, essa é a verdade. Esqueceram a lição do suave Mestre, sr. Redator, e em vez de conquistarem as crianças com bons tratos, fazem-nas mais revoltadas ainda com espancamentos seguidos e castigos físicos verdadeiramente desumanos. Eu tenho ido lá levar às crianças o consolo da religião e as encontro pouco dispostas a aceitá-lo devido naturalmente ao ódio que estão acumulando naqueles jovens corações tão dignos de piedade. O que tenho visto, sr. Redator, daria um volume. Muito grato pela atenção. Servo em Cristo, Padre José Pedro (Carta publicada na terceira página do Jornal da Tarde, sob o título Será Verdade? e sem comentários.)

Carta do Diretor do Reformatório à Redação do Jornal Da Tarde

Exmo. Sr. Diretor do Jornal da Tarde. Saudações. Tenho acompanhado com grande interesse a campanha que o brilhante órgão da imprensa baiana, que com tão rútila inteligência dirigis, tem feito contra os crimes apavorantes dos "Capitães da areia", bando de delinquentes que amedronta a cidade e Impede que ela viva sossegadamente. Foi assim que li duas cartas de acusações contra o estabelecimento

que dirijo e que a modéstia (e somente a modéstia, sr. Diretor) me impede que chame de modelar. Quanto à carta de uma mulherzinha do povo, não me preocupei com ela, não merecia a minha resposta. Sem dúvida é uma das muitas que aqui vêm e querem impedir que o Reformatório cumpra a sua santa missão de educar os seus filhos. Elas os criam na rua, na pândega, e como eles aqui são submetidos a uma vida exemplar, elas são as primeiras a reclamar, quando deviam beijar as mãos daqueles que estão fazendo dos seus filhos homens de bem. Primeiro vêm pedir lugar para os filhos. Depois sentem falta deles, do produto dos furtos que eles levam para casa, e então saem a reclamar contra o Reformatório. Mas, como já disse, sr. Diretor, esta carta não me preocupou. Não é uma mulherzinha do povo quem há de compreender a obra que estou realizando à frente deste estabelecimento. O que me abismou, sr. Diretor, foi a carta do Padre José Pedro. Este sacerdote, esquecendo as funções do seu cargo, veio lançar contra o estabelecimento que dirijo graves acusações. Esse padre (que eu chamarei padre do demônio, se me permitis uma pequena ironia, sr. Diretor) abusou das suas funções para penetrar no nosso estabelecimento de educação em horas proibidas pelo regulamento e contra ele eu tenho de formular uma séria queixa: ele tem incentivado os menores que o Estado colocou a meu cargo à revolta, à desobediência. Desde que ele penetrou os umbrais desta casa que os casos de rebeldia e contravenções aos regulamentos aumentaram. O tal padre é apenas um instigador do mau caráter geral dos menores sob a minha guarda. E por isso vou fechar-lhe as portas desta casa de educação. Porém, sr. Diretor, fazendo minhas as palavras da costureira que escreveu a este jornal, sou eu quem vem vos pedir que envieis um redator ao Reformatório. Disso faço questão. Assim podereis, e o público também, ter ciência exata e fé verdadeira sobre a maneira como são tratados os menores que se regeneram no Reformatório Baiano de Menores Delinquentes e Abandonados. Espero o vosso redator na segunda-feira. E se não digo que ele venha no dia que quiser é que estas visitas devem ser feitas nos dias permitidos pelo regulamento e é meu costume nunca me afastar do regulamento. Este é o motivo único por que convido o vosso redator para segunda-feira. Pelo que vos fico imensamente grato, como pela publicação desta. Assim ficará confundido o falso vigário de Cristo. Criado agradecido e admirador atento, Diretor do Reformatório Baiano de Menores Delinquentes e Abandonados (Publicada na 3ª página do Jornal da Tarde com um clichê do reformatório e uma notícia

adiantando que na próxima segunda-feira irá um redator do Jornal da Tarde ao reformatório). (p. 15-23).

Na segunda edição da terça-feira do jornal da tarde, saiu uma matéria ocupando a primeira página. O tema era o Reformatório Baiano e os títulos eram os seguintes: Um Estabelecimento Modelar onde Reinam a Paz e o Tratado; Um Diretor que é um Amigo; Ótima comida; Crianças ladronas em Caminho da Regeneração; Acusações Improcedentes; Só um Incurrigível reclama; O Reformatório Baiano é uma grande Família; Onde deviam estar os Capitães da Areia. Além disso, diversos clichês do prédio e um do diretor.

Como foi visto na reportagem, a partir de um acontecimento, outras vozes foram ouvidas permitindo ao leitor que não se tivesse somente com uma versão da história. Essa possibilidade, dada pelo jornal e seguida pelo autor, contextualiza quem lê em uma história que não possui apenas uma vertente. Tal fato, de início, já torna possível perceber a intenção de Jorge Amado não somente como literato, mas como jornalista.

Segundo Marco Túlio Cícero (apud LAGE, 2005), para um texto ser completo precisa responder as perguntas do LEAD. Se considerar primeiramente as reportagens temos um LEAD onde as respostas giram em torno da ação dos capitães e do que se pode fazer a respeito. O quê? Assalto. (Por) Quem? Meninos de rua. Onde? Na casa do comendador José Ferreira. Como? Entraram na casa e roubaram objetos de valor da sala de jantar. Todos fugiram rapidamente, exceto o capitão do bando que lutou com o jardineiro antes da fuga. Porém, duas perguntas ficam mal (ou não) respondidas. A primeira refere-se ao “por quê”? O jornal, em suas palavras, não responde a tal pergunta, deixando clara a pobreza de problematização. Mas ao seguirem-se as cartas enviadas e publicadas, encontra-se tal resposta: falta de punição/educação aos tais, má ação da polícia, juizado e reformatório. E o “pra quê?” do acontecimento fica sem resposta. É fato que tais questões nos jornais, na maioria das vezes, não são realmente respondidas. Quase não há questionamento por roubo, o motivo pelo qual se rouba e pra quê se faz. Pois, de alguma forma, isso ficou implícito em uma situação social. Mas por se tratar de crianças, se faz necessária a reflexão. E é o que o autor observa. Deixa-se, portanto, o “por quê?” e o “pra quê?” a serem localizados nas linhas de Jorge Amado.

Talvez, a leitura do autor às páginas do jornal tenha sido determinante para a decisão de escrever o livro. Ou ele tivesse o desejo de completar o que considerou ser

uma lacuna: a visão dos meninos. E é o que se encontra no decorrer da narrativa. A problemática que ele traz, reforça o seu papel dentro do jornalismo de firmar os pés na realidade, cavando acontecimentos a fim de apresentá-los ao cidadão. Além disso, o compromisso de expor algo que parece estar oculto e dar voz a quem não tem com o propósito de criticar determinadas atitudes, organizações e governanças, é do jornalista. Sendo assim, indo aonde ninguém poderia ir, vendo o que ninguém poderia ver a fim de buscar informações. O que lhe exige uma visão minuciosa de detalhes diante do grande fato. E é o que se percebe em sua narração:

O trapiche

Sob a lua, num velho trapiche abandonado, as crianças dormem. Antigamente aqui era o mar. Nas grandes e negras pedras dos alicerces do trapiche as ondas ora se reventavam fragorosas, ora vinham se bater mansamente. A água passava por baixo da ponte sob a qual muitas crianças repousam agora, iluminadas por uma réstia amarela de lua. Desta ponte saíram inúmeros veleiros carregados, alguns eram enormes e pintados de estranhas cores, para a aventura das travessias marítimas. Aqui vinham encher os porões e atracavam nesta ponte de tábuas, hoje comidas. Antigamente diante do trapiche se estendia o mistério do mar-oceano, as noites diante dele eram de um verde escuro, quase negras, daquela cor misteriosa que é a cor do mar à noite (p.27).

Antes de analisar abertura de acordo com as características elencadas por Sodré e Ferrari (1986, p. 68) para a reportagem, é importante citar o que eles dizem acerca do início: “sair da convencional abertura informativa, em busca de estilo mais literário pode ser uma alternativa para interessar ao leitor”. Dessa forma, pode-se perceber que a inserção da literatura ao jornalismo é meio de quebra do tradicional com a intenção de dar leveza a leitura. Ao contrário, o jornalismo na literatura, é forma de leitura prazerosa com informação social. Segue-se, portanto, para a análise da abertura do objeto. De acordo com os elementos, vê-se que existe realce da visão. Quando o autor descreve o local, trazendo ao leitor a possibilidade de visualizar, de imaginar o lugar de moradia dos capitães. Ele também se utiliza do realce da audição, quando descreve que as ondas reventavam nas pedras do alicerce do trapiche. Quem lê, pode ouvir o barulho das ondas. Amado insere o realce da imaginação quando traz relatos históricos de veleiros carregados que iam encher os porões na ponte de tábuas. A abertura contém título, item de texto literário e também jornalístico. Além disso, inicia descrevendo algo específico,

um pormenor de todo contexto histórico. É como se tivesse usando uma lupa ao visualizar o local. E a questão exposta também é algo insólito, ou seja, algo incomum. Tais características podem ser localizadas em ambos os campos.

A história começa com uma resposta a questão localizada na notícia: “Essas crianças que tão cedo se dedicaram à tenebrosa carreira do crime não têm moradia certa ou pelo menos a sua moradia ainda não foi localizada.” Em seguida, expõe outra opção de moradia aos meninos, se não fosse o trapiche: *“Seria bem melhor dormida que a pura areia, que as pontes dos demais trapiches onde por vezes a água subia tanto que ameaçava levá-los. E desde esta noite uma grande parte dos Capitães da Areia dormia no velhão trapiche abandonado, em companhia dos ratos, sob a lua amarela (p.28).”*

A observação do autor enfatiza o modo de vida desses menores. Ou seja, aqueles foram os vilões nas palavras do jornal, agora são “visitados” pelos olhos de quem lê, e humanizados. Não são vilões, são crianças desprovidas de melhores opções de vida. Tal atitude textual explora o universo jornalístico, em narrativas literárias. Como afirma Souza, o jornalismo significa trazer para o espaço público os assuntos socialmente relevantes que poderiam passar despercebidos, os assuntos que são escondidos, os que são submersos, os que são obscuros (2001, p. 13).

“Logo depois transferiram para o trapiche o depósito dos objetos que o trabalho do dia lhes proporcionava. Estranhas coisas entraram então para o trapiche. Não mais estranhas, porém, que aquela meninos, moleques de todas as cores e de idades as mais variadas desde os 9 aos 16 anos, que à noite se estendiam pelo assoalho e por debaixo da ponte e dormiam, indiferentes ao vento que circundava o casarão uivando, indiferentes à chuva que muitas vezes os lavava, mas com os olhos puxados para as luzes dos navios, com os ouvidos presos às canções que vinham das embarcações... (p.28).”

Esse trecho responde também a questão localizada nas páginas do jornal: “Como também ainda não foi localizado o local onde escondem o produto dos seus assaltos, que se tornam diários”. O autor esclarece aos questionamentos do jornal de forma subjetiva. Ou seja, ele não diz o endereço, mas descreve minuciosamente o lugar de moradia dos capitães. Deste modo, além de responder a quem lê, ele se utiliza de uma característica da linguagem literária: a descrição. E é o que se vê em toda obra de Amado, a representação particularizada de seres, objetos e ambientes. Segundo Sodré e

Ferrari (1977, p.105), a descrição imobiliza esse objeto ou ser em certo instante do processo narrativo. Fixa um momento, um lado, um aspecto do ser que se move. Através da permanência de sua imagem imóvel. Sendo assim, explora detalhes do objeto buscando provocar efeitos, “visuais-sensoriais no leitor, quem redige deve ser capaz de perceber, de imaginar seu objeto de descrição em múltiplos pormenores antes de compartilhar o ‘quadro’ por meio de palavras” (NASCIMENTO, 2009, p. 41).

Tal elemento dentro do jornalismo deixa claro que a narrativa pode estar nos dois âmbitos:

O texto descritivo jornalístico descreve alguma coisa. No jornalismo, geralmente usa-se o texto descritivo para descrever um facto, um acontecimento ou uma ideia, bem como as suas evoluções. A descrição jornalística serve, essencialmente, para trazer informação ao domínio público (SOUZA, 2001, p. 128).

Com o propósito de preencher as lacunas, o autor se utiliza de uma característica jornalística, a observação direta. Não que a literatura não o tenha também como procedimento. Mas a recolha de informação, de forma intensificada, cabe ao jornalista. É o investigar, apanhar de materiais e levá-los a um laboratório, mediando o que foi desenvolvido entre a realidade e sua reconstrução (GUIRADO, 2004). Segundo Zélia Gattai Amado, esposa do autor, ele ficou um tempo dormindo no trapiche com os meninos para observar. Não se sabe as técnicas de entrevista que ele utilizou, mas, como será visto no decorrer da narrativa, são trazidas características peculiares dos personagens, assim como também seus passados e aspirações. Fato esse que permite concluir que foram feitas entrevistas, talvez em formato de conversa e menos formal, e não somente a observação. Pode-se supor que Amado, assim como o Padre José, estabeleceu certa liberdade na presença dos meninos, ao qual o permitiu saber detalhes pitorescos da vida de cada um. Uma vez que a sociedade, em sua maioria, não sabia nem o paradeiro. Mesmo com tais elementos que assegura determinada realidade sobre o texto, não se pode desconsiderar a falta de compromisso com o real por parte da literatura.

A imersão se faz com o propósito de responder algo e trazê-lo ao conhecimento público. Com isso, o texto se encaixa na análise do dicionarista José Machado acerca da reportagem, pois significa “trazer uma notícia, uma resposta”. Ou seja, o texto pode ser considerado uma reportagem quando se trata de uma resposta de algo, uma forma trazer

ao conhecimento algo que está sendo mantido em oculto. O que resulta em uma reportagem investigativa que é definida por Kotscho (2005) como algo que se procura descobrir e contar pra todo mundo aquilo que se está querendo esconder da opinião pública.

Para o fim de uma reportagem espera-se que se conclua a informação, de forma resolutiva ou não. Se na abertura o autor utiliza matérias do Jornal da Tarde, o fechamento se dá da mesma forma. Porém, não a notícia completa, apenas grifos do autor: *“O jornal da tarde publica um telegrama do rio dando conta do sucesso da exposição de um jovem pintor até então desconhecido. Dias depois transcreve uma crítica de arte publicada também num jornal do Rio de Janeiro. Porque o pintor é baiano, e o Jornal da Tarde é muito cioso das glórias baianas. Um trecho da crítica de arte, após falar das qualidades e defeitos do novo pintor social, de usar e abusar de expressões como clima, luz, cor, ângulos, força e outras mais, diz: ... um detalhe notaram todos que foram estranha exposição de cenas e retratos de meninos pobres. É que todos os sentimentos bons estão sempre representados na figura de uma menina magra de cabelos loiros e faces febris. E que todos os sentimentos maus estão representados por um homem de sobretudo negro e um ar de viajante. Que representará para um psicanalista a repetição quase inconsciente destas figuras em todos os quadros? Sabe-se que o pintor João José tem uma história...”* (p. 252).

O autor se aproveita das informações para montar o desfecho dos personagens apresentados na narrativa. É fato que é mais literário que jornalístico a prática de escrever finais. Para o jornalismo não existe final da história, pois ela sempre continua, mesmo que com outros personagens. Mas o texto jornalístico precisa contê-lo, ainda que seja algo apenas estrutural. No sentido de narrativa de uma reportagem, pode-se afirmar que o autor enquadra o seu final dentro da categoria resumo. Pois ele retoma a história, os anseios, os caminhos e futuro de cada um dos meninos, de acordo com o que viveram.

A história de João José (o professor) foi contada por Amado nas linhas do livro. Dessa forma, o autor segue preenchendo as lacunas localizadas no texto jornalístico. O grupo, em sua forma apresentada durante a narrativa, se desfaz. Cada um toma um rumo, seguindo aquilo que sonha ou, pelas palavras do autor, seguindo a voz interior de cada um que chama segundo suas inclinações. O capitão Pedro Bala foi chamado para a

revolução, ou seja, para a luta pelo povo: *“Anos depois os jornais de classe, pequenos jornais, dos quais vários não tinham existência legal e se imprimiam em tipografias clandestinas, jornais que circulavam nas fábricas, passados de mão em mão, e que eram lidos à luz de fífós, publicavam sempre notícias sobre um militante proletário, o camarada Pedro Bala, que estava perseguido pela policia de cinco estados como organizador de greves, como dirigente de partidos ilegais, como perigoso inimigo da ordem estabelecida. No ano em que todas as bocas foram impedidas de falar, no ano que foi todo ele uma noite de terror, esses jornais (únicas bocas que ainda falavam) clamavam pela liberdade de Pedro Bala, líder da sua classe, que se encontrava preso numa colônia. E, no dia em que ele fugiu, em inúmeros lares, na hora pobre do jantar, rostos se iluminaram ao saber da notícia. E, apesar de que fora era o terror, qualquer daqueles lares era um lar que se abriria para Pedro Bala, fugitivo da polícia. Porque a revolução é uma pátria e uma família. Na casa mal-assombrada de Doninha Quaresma (existiam botijas enterradas e a alma de Doninha), hoje do Capitão, na paz de Estância. Sergipe, março de 937. A bordo do Rakuy o Maru, subindo a costa da América do pelo Pacífico, em caminho do México, junho de 937”* (p. 270).

A questão interpretativa do autor fica tão clara na abertura como no fechamento. Tal atitude permeia pelo jornalismo dentro do gênero interpretativo, pois procura desvendar e entender questões. Medina (1988), explica o gênero interpretativo como a investigação sobre os antecedentes do fato, suas significações diretas e seu contexto. Segundo Beltrão (1976, p. 12), “a interpretação jornalística consiste no ato de submeter os dados recolhidos no universo das ocorrências atuais e ideias atuantes a uma seleção crítica, a fim de proporcionar ao público os que são realmente significativos”. E, observando a narrativa de Amado de trazer detalhes e conduzir o leitor pelos fatos, a partir do esclarecimento dos mesmos, não a afasta do jornalismo. Além disso, o encaixa no gênero diversional, que além de buscar fornecer ao leitor a compreensão do fato, enfatiza a união da informação à narrativa literária.

Vistos, portanto, a abertura e o fechamento e suas características, será feita agora a análise do desenvolvimento da narrativa assim como elementos importantes. Para isso, foi necessário dividi-la em três partes, relativo a estrutura, ao conteúdo e a factualidade:

3.2.2 Quanto à estrutura

A estrutura física do livro é dividida em capítulos, títulos e blocos. São 25 capítulos e os títulos são: O Trapiche; Ponto das Pitangueiras; As Luzes do Carrossel; Docas; A Aventura de Ogum; Deus sorri Como um Negrinho; Família; Manhã Como um Quadro; Alastrim; Destino; Filha de Bexiguento; Dora, Mãe; Dora, Irmã e Noiva; Reformatório; Orfanato; Noite de Grande Paz; Dora, Esposa; Vocações; Canção de Amor da Vitalina; Na Rabada de um Trem; Como um Trapezista de Circo; Notícias de Jornal; Companheiros; Os Atabaques Ressoam Como Clarins de Guerra; Uma Pátria e uma Família. O autor também utiliza de dois momentos de pausas inserindo os seguintes títulos entre capítulos: “Noite da Grande Paz, da Grande Paz dos Teus Olhos” e “Canção da Bahia, Canção da Liberdade”. O primeiro antes do “Filha de Bexiguento” e o segundo após o “Dora, Esposa”.

Como foi possível perceber, os títulos são mais curtos e relacionados aos personagens e situações, de forma que só é possível entendê-lo mediante a leitura do texto. Nesse sentido, se encaixa mais nas características literárias, pois o título jornalístico, de reportagem, busca chamar a atenção do leitor e normalmente é uma frase que já indica parte da informação. Não que não seja possível usar título curto, uma vez que quem escreve a reportagem possui liberdade. E de acordo com o Novo Jornalismo, a utilização de títulos mais curtos, incisivos e apelativos é um legado. Alguns capítulos são divididos em blocos, pois é utilizado maior espaçamento entre os parágrafos e muda a situação ou passa algum tempo. Assim como também a utilização de asteriscos (***) para separar momentos da história.

A narrativa conta com vários personagens e o autor apresenta cada um deles de maneira descritiva, considerando detalhes físicos, de personalidade e história: *“É aqui também que mora o chefe dos Capitães da Areia Pedro Bala. Desde cedo foi chamado assim, desde seus cinco anos. Hoje tem 15 anos. Há dez que vagabundeia nas ruas da Bahia. Nunca soube de sua mãe, seu pai morrera de um balaço. Ele ficou sozinho e empregou anos em conhecer a cidade. Hoje sabe de todas as suas ruas e de todos os seus becos. Não há venda, quitanda, botequim que ele não conheça”* (p. 29). *“E alto, o mais alto do bando, e o mais forte também, negro de carapinha baixa e músculos retesados, embora tenha apenas treze anos, dos quais quatro passados na mais*

absoluta liberdade, correndo as ruas da Bahia com os Capitães da Areia. Desde aquela tarde em que seu pai, carroceiro gigantesco, foi pegado por um caminhão quando tentava desviar o cavalo para um lado da rua, João Grande não voltou pequena casa do morro. Na sua frente estava a cidade misteriosa, e ele partiu para conquistá-la. A cidade da Bahia, negra e religiosa, é quase tão misteriosa como o verde mar. Por isso João Grande não voltou mais. Engajou com 9 anos nos Capitães da Areia, quando o Caboclo ainda era o chefe e o grupo pouco conhecido, pois o Caboclo não gostava de se arriscar. Cedo João Grande se fez um dos chefes e nunca deixou de ser convidado para as reuniões que os maiores faziam planejar os furtos. Não que fosse um bom organizador de assalto uma inteligência viva. Ao contrário, doía-lhe a cabeça se tinha que pensar. Ficava com os olhos ardendo, como ficava também quando via alguém fazendo maldade com os menores. Então seus músculos se retesavam e estava disposto a qualquer briga” (p. 30-31).

A existência de personagens no texto literário e jornalístico é comum. Afinal, ambos apresentam histórias, acontecimentos e nisso a presença de pessoas é inevitável. Quando se trata da literatura, tais personagens podem não ser reais. Quem escreve pode ter se inspirado em uma ou várias pessoas para formar apenas uma. No jornalismo, os personagens devem ser reais e é necessário que o jornalista tenha contato com eles. E a caracterização de personagens das histórias dentro da reportagem é comum do Novo Jornalismo. Sodré e Ferrari (1986) caracterizam essa atitude como perfil, que significa dar foco em uma pessoa. No jornalismo de Tom Wolfe, também é comum a descrição dos ambientes. E Amado utiliza várias vezes em seu texto, a exemplo da abertura.

Dentro das características textuais jornalísticas, alguns elementos podem ser usados na descrição para fornecer subsídios à imaginação do leitor e, conseqüentemente, construir as imagens e sensações tidas pelo escritor (NASCIMENTO, 2009). Tais meios também são comuns à literatura. O predomínio de atributos é um dos elementos, ao qual trazem a singularidade e identidade do que se procura mostrar. Presentes na escrita de Amado: *“João Grande ficou muito tempo atento à leitura. Para o negro aquelas letras nada diziam. O seu olhar ia do livro para a luz oscilante da vela, e desta para o cabelo despenteado do Professor. Terminou por se cansar e perguntou com sua voz cheia e quente” (p.33).* Outro item que também é localizado no texto é a comparação: *“Passa um vento frio que levanta a areia e torna*

difíceis os passos do negro João Grande, que se recolhe. Vai curvado pelo vento como a vela de um barco” (p.30).

Da herança do novo jornalismo, está a atribuição dos diálogos completos ao texto. No “Capitães da Areia”, isso é utilizado. Tal item reforça a aproximação das duas áreas: “*Ficaram os quatro sentados. O Sem-Pernas acendeu uma ponta de charuto caro, ficou saboreando. João Grande espiava o pedaço de mar que se via através da porta, além do areal. Pedro falou: - Gonzales do 14 falou hoje comigo...*

- Quer mais corrente de ouro? Da outra vez... - atalhou O Sem-Pernas.

-Não. Tá querendo chapéu. Mas só topa de feltro. Palhinha não vale, diz que não tem saída. E também...

- Que é que tem mais? -- novamente interrompeu O Sem-Pernas.

- Tem que muito usado não presta.

-Tá querendo muita coisa. Se ainda pagasse que valesse a pena.

- Tu sabe, Sem-Pernas, que ele é um bicho caiado. Pode não pagar bem, mas é uma cova. Dali não sai nada, nem a gancho.

-Também paga uma miséria. E é interesse dele não dizer nada. Se ele abrir a boca no mundo não há costas largas que livre ele do xilindró...

- Tá bom, Sem-Pernas, você não quer topar o negócio, vá embora, mas deixe a gente combinar as coisas direito.

- Não tou dizendo que não topo. Tou só falando que trabalhar pra um gringo ladrão não é negócio. Mas se tu quer...

- Ele diz que desta vez vai pagar melhor. Uma coisa que pague a pena. Mas só chapéu de feltro bom e novo. Tu, Sem-Pernas, podia ir com uns fazer esse negócio.

Amanhã de noite Gonzales manda um empregado do 14 aqui pra trazer os miúdos e levar as carapuças.

- Bom lugar e nos cinemas -- disse o Professor voltando-se para O Sem-Pernas.

- Bom é na Vitória... -- e o Sem-Pernas fez um gesto de desprezo.

- É só entrar nos corredores e aquilo é chapéu garantido... Tudo gente de nota

- Também tem guarda em penca...

-Tu liga pra guarda? Se ainda fosse fira... Guarda é pra correr picula. Tu vai comigo, Professor?

- Vou. Mesmo que tou precisando de um chapéu” (p.34-35).

Esse uso ao jornalismo é forma de quebra na construção e busca pela leveza da leitura e prazer ao leitor. Normalmente, se usa em alguns momentos mais “interessantes” e não em todas as entrevistas ou diálogos das fontes. Em geral, o jornalista faz um resumo do que foi dito recolhendo o mais considerável.

3.2.3 Quanto ao conteúdo

Na observação do livro, torna-se importante apresentar elementos no conteúdo que podem se encaixar na questão literária e jornalística. Quer dizer, saindo do “como se diz” e indo para o “o que se diz”. A primeira é em relação aos dados, ou seja, ao número (em média) de crianças de rua na cidade e as que viviam no trapiche: *“Nunca ninguém soube o número exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem e destes mais de quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche. Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas”* (p.29). Inserir dados é comum no jornalismo investigativo, pois se utiliza da técnica de apurar, coletar e analisar. O que deve-se observar é a veracidade do que se expõe. No sentido jornalístico, tal atitude é mais prezada. Todavia, na literatura não se impõe igual compromisso. Depende de quem escreve e sua intenção.

Outro ponto que é recorrente no livro é a questão social. Tal tema é mais comum ao jornalismo, uma vez que ele tem compromisso de observar o andamento da sociedade. E é o que traz a obra de Amado além de, em alguns momentos, ser percebida certa crítica: *“Depois o Sem-Pernas ficou muito tempo olhando as crianças que dormiam. Ali estavam mais ou menos cinquenta crianças, sem pai, sem mãe, sem mestre. Tinham de si apenas a liberdade de correr as ruas. Levavam vida nem sempre fácil, arranjando o que comer e o que vestir, ora carregando uma mala, ora furtando carteiras e chapéus, ora ameaçando homens, por vezes pedindo esmola. E o grupo era de mais de cem crianças, pois muitas outras não dormiam no trapiche. Se espalhavam nas portas dos arranha-céus, nas pontes, nos barcos virados na areia do Porto da Lenha. Nenhuma delas reclamava. Por vezes morria um de moléstia que ninguém sabia*

tratar, Quando calhava vir o padre José Pedro, ou a mãe-de-santo Don'Aninha ou também o Querido-de-Deus, o doente tinha algum remédio. Nunca, porém, era como um menino que tem sua casa. O Sem-Pernas ficava pensando. E achava que a alegria daquela liberdade era pouca para a desgraça daquela vida” (p.46).

O Professor também fez uma análise de sua situação e a do grupo. O seu desejo de mudar, de ajudar. E assim seria quando todos soubessem da história deles, de alguma forma seriam ajudados, mas não sabiam como. Professor iria pintar e, através de seus quadros, mostrar o sofrimento dos meninos abandonados: *“Professor olhou o trapiche, os meninos que andavam, que riam, que se moviam como sombras entre os ratos: - Que adianta a vida da gente? Só pancada na polícia quando pegam a gente. Todo mundo diz que um dia pode mudar... Padre José Pedro, João de Adão, tu mesmo. Agora vou mudar a minha... Pedro Bala não disse nada, mas a pergunta estava nos seus olhos. João Grande não perguntava nada, compreendia tudo. - Vou estudar com um pintor do Rio. Dr. Dantas, aquele da piteira, escreveu a ele, mandou uns desenhos meus. Ele mandou dizer que me mandasse... Um dia vou mostrar como é a vida da gente... Faço o retrato de todo mundo... Tu falou uma vez, lembra? Pois faço... A voz de Pedro Bala o animou: - Tu também vai ajudar a mudar a vida da gente... - Como? - fez João Grande. Professor também não entendeu. Tampouco Pedro Bala sabia explicar. Mas tinha confiança no Professor, nos quadros que ele faria na marca do ódio que ele levava no coração, na marca de amor à justiça e à liberdade que ele levava dentro de si. Não se vive inutilmente uma infância entre os Capitães da Areia. Mesmo quando depois se vai se um artista e não um ladrão, assassino ou malandro” (p. 230-231).*

O autor também expõe a incompreensão dos meninos com relação ao desprezo que sofriam: *Desprezo da sociedade; incompreensão dos meninos: “Não compreendia. Por que eram odiados assim na cidade? Eram pobres crianças sem pai, sem mãe. Por que aqueles homens bem vestidos tanto os odiavam? Foi com sua dor” (p. 100).* Como foi dito a respeito da abertura, percebe-se que todo o livro é a respeito da visão e os sentimentos dos capitães da areia. Além disso, traz situações que expõe a visão de alguns membros da sociedade de que eles não são meninos, são ladrões: *Houve um momento em que todos ficaram calados, até que o padre José Pedro ânimo e disse: - Boa tarde, dona Margarida. Mas a viúva Margarida Santos assestou novamente o lorgnon de ouro.*

- *O senhor não se envergonha de estar nesse meio, padre? Um sacerdote do Senhor? Um homem de responsabilidade no meio desta gentinha...*

- *São crianças, senhora.*

A velha olhou superiora e fez um gesto de desprezo com a O padre continuou:

--*Cristo disse: Deixai vir a mim as criancinhas...*

- *Criancinhas... Criancinhas... -- cuspiu a velha.*

- *Ai de quem faça mal uma criança, falou o Senhor -- e o padre José Pedro elevou a voz acima do desprezo da velha.*

- *Isso não são crianças, são ladrões. Velhacos, ladrões. Isso não são crianças.*

São capazes até de ser dos Capitães da Areia... Ladrões -- repetiu com nojo” (p. 81).

E de quem era a culpa de tudo isso? Segundo a narrativa, da sociedade mal organizada, ou seja, da desigualdade social que assolava. “*O padre José Pedro dizia que a culpa era da vida e tudo fazia para remediar a vida deles, pois sabia que era a única maneira de fazer com que eles tivessem uma existência limpa. Porém uma tarde em que estava o padre e estava o João de Adão, o doqueiro disse que a culpa era da sociedade mal organizada, era dos ricos... Que enquanto tudo não mudasse, os meninos não poderiam ser homens de bem. E disse que o padre José Pedro nunca poderia fazer nada por eles porque ricos não deixariam” (p.112).* E uma visão de Volta Seca expressa o mesmo: *Aprendeu que não era só no sertão que os homens ricos eram ruins para com os pobres. Na cidade, também. Aprendeu que as crianças pobres são desgraçadas em toda parte, que os ricos perseguem e mandam em toda parte” (p. 247).* Nesse sentido, fica evidente a intenção do autor em tratar da estrutura da sociedade da época. Uma conduta com inclinações mais jornalísticas que literárias.

Também é exposta a maneira como os meninos eram tratados pela polícia, naquela época. Essa ação se encaixa no comprometimento citado por Souza (2005) ao jornalista: “vigilância e controle de poderes”. Dessa forma, o autor utiliza sua obra como objeto de denúncia de atitudes do executivo: *Fugiu logo que pôde compreender que a fuga o libertaria. Sofreu fome, um dia levaram-no preso. Ele quer um carinho, uma mão que passe sobre os seus olhos e faça com que ele possa se esquecer daquela noite na cadeia, quando os soldados bêbados o fizeram correr com sua perna coxa em volta de uma saleta. Em cada canto estava um com uma borracha comprida. As marcas que ficaram nas suas costas desapareceram. Mas de dentro dele*

nunca desapareceu a dor daquela hora. Corria na saleta como um animal perseguido por outros mais fortes. A perna coxa se recusava a ajudá-lo. E a borracha zunia nas suas costas quando o cansaço o fazia parar. A princípio chorou muito, depois, não sabe como, as lágrimas secaram. Certa hora não resistiu mais, abateu-se no chão. Sangrava. Ainda hoje ouve como os soldados riam e como nu aquele homem de colete cinzento que fumava um charuto” (p. 38-39).

Desta maneira, depois de Sem-Pernas ter sofrido com a polícia, preferiu o suicídio a ser preso novamente: *“Os guardas vêm nos seus calcanhares. Sem-Pernas sabe que eles gostarão de o pegar, que a captura de um dos Capitães da Areia é uma bela façanha para um guarda. Essa será a sua vingança. Não deixará que o peguem, não tocarão a mão no seu corpo. Sem-Pernas os odeia como odeia a todo mundo, porque nunca pôde ter um carinho. [...] Apanhara na polícia, um homem ria quando o surravam. Para ele é este homem que corre em sua perseguição na figura dos guardas. Se o levarem, o homem rirá novo. Não o levarão. Vêm em seus calcanhares, mas não o levarão. Pensam que elevai parar junto ao grande elevador. Mas Sem-Pernas não para. Sobe para o pequeno muro, volve o rosto para os guardas que ainda correm, ri com toda a força do seu ódio, cospe na cara de um que se aproxima estendendo os braços, se atira de costas no espaço como se fosse um trapezista de circo. A praça toda fica em suspenso por um momento. Se jogou, diz uma mulher, e desmaia. Sem-Pernas se rebenta na montanha como um trapezista de circo que não tivesse alcançado o outro trapézio. O cachorro late entre as grades do muro” (p.250-251).*

Ainda seguindo pela linha de denunciar, mostrar a realidade, a narrativa conta como realmente era o Reformatório. Lugar que fora adjetivado pelo jornal como “Santo lugar”: *“Agora davam-lhe de todos os lados. Chibatadas, socos pontapés. O diretor do reformatório levantou-se, sentou-lhe o pé Pedro Bala caiu do outro lado da sala. Nem se levantou. Os soldados vibraram os chicotes” (p. 201). “Castigos... Castigos... É a palavra que Pedro Bala mais ouve no reformatório. Por qualquer coisa são espancados, por um nada são castigados. O ódio se acumula dentro de todos eles” (p. 214).*

Seguindo pelo viés explicativo e em contraponto ao que é dito pelas notícias do jornal, Amado aborda o outro lado, a partir do olhar dos meninos. Como agem? O que sentem em relação ao que fazem? São monstros sem sentimentos? O que na verdade

desejam?: “*Não tardou a se destacar (Sem-pernas) porque sabia como nenhum afetar uma grande dor e assim conseguir enganar senhoras, cujas casas eram depois visitadas pelo grupo já ciente de todos os lugares onde havia objetos de valor e de todos os hábitos da casa. E o Sem-Pernas tinha verdadeira satisfação ao pensar em quanto o xingariam aquelas senhoras que o haviam tomado por um pobre órfão. Assim se vingava, porque seu coração estava cheio de ódio. Confusamente desejava ter uma bomba (como daquelas de certa história que o Professor contara) que arrasasse toda a cidade, que levasse todos pelos ares. Assim ficaria alegre. Talvez ficasse também se viesse alguém, possivelmente uma mulher de cabelos grisalhos e mãos suaves, que o apertasse contra o peito, que acarinhasse seu rosto e o fizesse dormir um sono bom, um sono que não estivesse cheio dos sonhos da noite na cadeia. Assim ficaria alegre, o ódio não estaria mais no seu coração*” (p. 39).

São evidenciadas também as influências dos meninos para serem o que são. Pedro Bala se inspira em seu pai, um grevista que lutou pelos direitos de um povo trabalhador oprimido. Ao final, é o que ele se torna. Já Volta Seca se inspira em Lampião, quer ser igual, fazer justiça com as próprias mãos: “*E manda que Volta Seca vá andar no carrossel. E o menino toma o cavalo que serviu a Lampião. E enquanto dura a corrida, vai pulando como se cavalgasse um verdadeiro cavalo. E faz movimentos com o dedo, como se atirasse nos que vão na sua frente, e na sua imaginação os vê cair banhados em sangue, sob os tiros da sua repetição. E o cavalo corre e cada vez com mais, e ele mata a todos, porque são todos soldados ou fazendeiros ricos. Depois possui nos bancos a todas as mulheres, saqueia vilas, cidades, tens de ferro, montado no seu cavalo, armado com seu rifle*” (p. 70). Talvez Amado tivesse o desejo de mostrar que as atitudes dos meninos não eram despropositadas, mas seguiam exemplos, era fruto, reprodução do que viam na sociedade.

O autor cita uma personalidade conhecida na história, Rosa Palmeirão: “*Dora foi junto a Pedro Bala e levava uma navalha também. Sem-Pernas disse: - Até parece Rosa Palmeirão. Nunca houvera mulher tão valente como Rosa Palmeirão. Dera em seis soldados de uma vez. Todo marítimo sabe o seu ABC no cais da Bahia*” (p. 193). Palmeirão foi uma mulher, capoeirista e marisqueira que marcou pela coragem em participar das lutas de independência da Bahia. Essa alusão no livro reforça o papel

histórico do mesmo, de modo que não está flutuando em um universo alheio a realidade, pelo contrário, é parte dela e ela própria. Tal ponto será comprovado no item seguinte.

3.2.4 Quanto à factualidade

Diante da narrativa, é possível identificar pontos inseridos pelo autor que remetem a fatos da época. Ou seja, que, de alguma maneira, foi factual no contexto. A factualidade é um dos itens primordiais na atividade jornalística. Quanto à forma, “a reportagem é definida pelo conteúdo que é sempre factual e corresponde ao real, a verossimilhança e a veracidade são fundamentais” (SANTOS, 2009, p. 22). Um deles é relacionado ao cinema: “*Umás senhoritas que vinham das compras o viram de longe (um desenho) e uma disse; Vamos, depressa, que aquilo parece que é um anúncio do novo filme de Barrymore... Dizem que é um amor... E ele é tão forte...*” (p.139). Supõe-se que o autor esteja falando de Lionel Barrymore, um ator, diretor e compositor da época. E de um de seus filmes do ano de publicação do livro: *Navy Blue and Gold* (1937); *Saratoga* (1937); *Captains Courageous* (1937); *A Family Affair* (1937). Ou do ano anterior: *Camille* (1936); *The Gorgeous Hussy* (1936); *The Devil-Doll* (1936); *The Road to Glory* (1936); *The Voice of Bugle Ann* (1936).

A doença da época, a varíola, também exposta no livro, foi fato determinante no andamento da história. Pois foi graças a ela que Dora perdeu os pais e se tornou parte das crianças abandonadas: “*Omolu mandou a bexiga negra para a cidade. Mas lá em cima os homens ricos se vacinaram, e Omolu era um deus das florestas da África, não sabia destas coisas de vacina. E a varíola desceu para a cidade dos pobres e botou gente doente, botou negro cheio de chaga em cima da cama. Então vinham os homens da Saúde Pública, metiam os doentes num saco, leva para o lazareto distante. As mulheres ficavam chorando, porque sabiam que eles nunca mais voltariam*” (p. 143). A forma como o governo lidou com isso é denunciada, além de não disponibilizar as vacinas aos pobres, levavam os doentes ao lazareto a fim de isolar, mas poucos eram os que saíam vivos. Ainda, segundo o autor: “*Havia uma lei que obrigava os cidadãos a denunciarem à Saúde Pública os casos de varíola que conhecessem, para o imediato recolhimento dos variolosos aos lazaretos*” (p. 150).

A produção de cacau na cidade de Ilhéus é contada por AMADO: *“Porque a notícia da alta do cacau correu pelo país todo”* (p. 242). Essa cidade da Bahia é considerada a capital do cacau e na época vivia uma fase de ascensão com a criação do porto. Em 1924, a criação de um porto permitiu que a exportação fosse feita na cidade. Tal fato ocasionou grande fluxo financeiro e a chegada de estrangeiros, mágicos, dançarinas que buscava divertir os ricos. O que o autor também conta é a respeito da existência de cabarés em que mulheres, como Dalva, iam para se aproveitar dos homens ricos. E era a realidade da época.

O autor traz algumas vezes na narrativa a ação de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, no nordeste brasileiro: *“Lampião tinha entrado numa vila da Bahia, matara oito soldados, deflorara moças, saqueara os cofres da Prefeitura”* (p.49). A partir de notícias de jornais, Amado apresenta o cangaceiro entrando em vilas, saqueando comércios e fazendas, matando soldados, estuprando moças. Mas na visão de Volta Seca, admirador de Lampião, ele não era um criminoso e sim um justiceiro dos pobres. Já que dividia com eles os frutos do seu roubo. Os maiores inimigos de Virgulino eram os ricos, pois, diante do cenário da época, de desigualdade, era os detentores do poder.

Diante da história de Pedro Bala, filho de grevista, o literato apresenta a situação do Brasil, da época. Um momento marcado pela luta de classes trazida pela industrialização:

Na República Velha temos a vivência de todo um processo de transformações econômicas responsáveis pela industrialização do país. Não percebendo de forma imediata tais mudanças, as autoridades da época pouco se importavam em trazer definições claras com respeito aos direitos dos trabalhadores brasileiros. Por isso, a organização dos operários no país esteve primeiramente ligada ao atendimento de suas demandas mais imediatas (SOUSA, 2016, p. 1).

Sendo assim, os operários viam a necessidade de reivindicar por melhores salários, menor jornada de trabalho e assistência social: *“-Porque o pai dele era Raimundo e morreu foi aqui mesmo lutando pela gente, pelo direito da gente. Era um homem e tanto”* (p. 86). *“E por eles fizera discursos trepado em um caixão, brigara, recebem uma bala no dia em que a cavalaria enfrentou os grevistas. Talvez ali mesmo, onde ele se sentava, ti caldo o sangue de seu pai. Pedro Bala mirou o chão agora asfaltado. Por baixo daquele asfalto devia estar o sangue que correria do corpo seu pai. Por isso, no dia em que quisesse, teria um lugar entre aqueles homens, o lugar que fora*

de seu pai. E teria também carregar fardos... Vida dura aquela, com fardos de sessenta quilos costas. Mas também poderia fazer uma greve assim como seu pai João de Adão, brigar com policia, morrer pelo direito deles, vingaria seu pai, ajudaria aqueles homens a lutar pelo seu direito” (p. 87).

A mensagem da história é o resultado da articulação que se faz da realidade, da informação, transformando-a em um texto representativo a ser divulgado, mesmo que em um livro. Como foi possível perceber, o autor baseia-se na realidade, no momento que o país enfrentava. E, dentro disso, insere os personagens nos fatos. Ele observa o lado dos pobres, da minoria, dos meninos de rua diante de uma sociedade que não se firmava em um único modo de governo, mas que vivia uma transição.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, busca-se, portanto, responder a pergunta: a partir da linguagem utilizada, é possível considerar o livro como uma grande reportagem? Pode-se dizer que a mensagem não é simplesmente literária, mas uma mensagem jornalística carregada de significados. Ou seja, quem lê tem a possibilidade de se inserir, de observar algo que não está distante de si, mas a sua volta. Diferente de obras literárias que possuem narrativas difíceis e, muitas vezes, deixam fatos e pontos da história a serem imaginados pelo leitor, “Capitães da Areia” tem linguagem simples, cuidada e com pausas. Além de enfatizar, em muitos momentos, os sentimentos e pensamentos dos meninos, se preocupando em ser minimalista. Pode-se, portanto, considerar o texto com características do conteúdo jornalístico por se preocupar em ser compreendido por quem lê. E ainda, utilizar a reprodução de pormenores diante de um grande fato: como chegaram até ali, a história de cada um, como se sentiam, o que sonhavam, como enxergavam a sociedade, como a sociedade os enxergava, como eram tratados pelas autoridades, a religião e a sexualidade. Nas palavras de Lima, “a narrativa jornalística é como um aparato ótico que penetra na contemporaneidade para desnudá-la, mostrá-la ao leitor, como se fosse uma extensão dos próprios olhos dele, leitor, naquela realidade que está sendo desvendada” (2004, p. 161).

No desenvolvimento é possível ver a introdução de elementos literários geralmente usados na reportagem, como a enumeração de situações, descrição de detalhes, confronto, comparação, exemplificação, causa-efeito, definição, ordenação cronológica e espacial, cena a cena, retardamento da ação (por reflexão, introdução de diálogo, por caracterização de personagem, por caracterização de espaço físico), aceleração. Além da utilização de figuras de linguagem (metáfora, comparação, prosopopeia, sinestesia, eufemismo, anáfora), funções de linguagem (referencial e poética).

Para os tipos de reportagem definidos por Guirado (2004), o livro se encaixa mais no quesito drama social, por retratar situações da sociedade. Apesar de conter elementos de perfil, na descrição minuciosa de pessoas no texto. Já segundo a definição de Sodr e e Ferrari (1986) sobre os tipos de reportagem, o texto não se encaixa na Fact-history, pois não relata apenas um acontecimento, mas vários. Também não obedece ao formato de pirâmide invertida. Não se encaixa no Quote-history, pois não se utiliza da

forma objetiva na apresentação dos fatos, muito menos de citações. Está mais próximo do formato de ação, Action-history, por ser um relato mais movimentado e objetivo envolver o leitor por isso se utiliza de um formato mais descritivo. “Capitães da Areia” é narrado em terceira pessoa e se encaixa no tipo temático, sobre um determinado tema. Pois, mesmo que o autor exponha diversos acontecimentos, a história gira em torno da situação das crianças. Em termos da linguagem, preenche a categoria informal, ao qual usa termos descompromissados com a linguagem formal.

Inserindo o texto na estrutura das reportagens de João do Rio, tem se as seguintes técnicas utilizadas por Amado: observação da realidade; coleta de informações, por meio de entrevista a fontes específicas; a ampliação da informação nuclear em certo aprofundamento de contexto de humanização e de reconstituição histórica. E quanto à estrutura e ao tratamento estilístico: descrição de ambientes e fatos; repórter narrador; frase e os recursos literários. Para este último, por ser um texto literário, não se inclui como elemento, mas como ponto de encontro. Além de se encaixar no ritmo narrativo, pois expõe uma história, também se classifica na categoria descritiva, uma vez que caracteriza pessoas, lugares, acontecimentos, fenômenos. Conta também com texto impressivo, que deixa impressão e exprime aquilo que foi visto pelo literato. E a factualidade da narrativa, quando o autor se baseia de fatos comprováveis e não desconexos da realidade.

O estudo proposto nesse objeto acerca do encontro do jornalismo com a literatura é importante para a valorização da narrativa jornalística e para a perenidade do texto literário. Pois, na observação da história, vê-se que, com o tempo, mudaram as relações, mas permanece a aproximação dos campos. De jornais com escritores literatos, da literatura no jornal, das características no texto jornalístico, da literatura com fatos comprováveis da realidade. E tal estudo aprofundou o olhar na forma de informação jornalística atual que mais se aproxima do fazer literário, a reportagem. Não se sabe como essa relação se estenderá, nem se surgirão produtos que enfatizarão ainda mais essa união. Mas a realização da análise permite a reflexão de como, muitas vezes, essa relação passa despercebida. Uma vez que, primeiramente, consideramos o campo e nos revestimos dele para a leitura. Principalmente em objetos literários, já que o Novo Jornalismo dita a inclusão de técnicas para o jornalismo, e não ao contrário.

A observação do livro de Amado acentuou o fato da literatura ter como alicerce a realidade, ainda que se utilize, muitas vezes, apenas como inspiração para criar ficção. A impressão que se tem sobre estudo com esse estilo é, antes de tudo, de aprofundamento histórico. Resgatar uma obra antiga, de quase 80 anos atrás, que tem o retrato da época feito por um escritor descompromissado com a política de um jornal, inclinação editorial, espaço. Seu compromisso, como fica explícito, é com a situação social, com os meninos de rua. E, a partir disso, insere o leitor na problemática, através de um olhar detalhista e único. A contribuição do estudo está no olhar diferenciado, o convite à reflexão. Venha, olhe por outra janela, ou dispa-se dos conceitos que envolvem esta obra, vista-se de jornalismo. É oferecido outro âmbito, outra categoria a fim de serem destacados elementos caracterizadores de tal. E esses elementos tornam-se visíveis, o que talvez antes não fossem percebidos. O cunho de denúncia imbricado na obra foi o que a levou a ser perseguida e queimada, tempos depois de publicada. Ou seja, o seu conteúdo possuía pouco mais de ficção e foi o que a análise acentuou.

Sabe-se que muitas informações são frutos dos caminhos que se percorrem de acordo com o que parece ser. Não se obtêm certezas, uma vez que a obra não tem compromisso com o real. Mesmo havendo a confirmação, através da esposa do autor, de que ele esteve no trapiche, não há certezas sobre a veracidade dos personagens, histórias e situações. Ainda que existam pontos do texto que correspondam a realidade, segundo o contexto histórico, como isso se entrelaça aos personagens não é convicto. Essa questão fica como lacuna na pesquisa, pois são pontos que somente o escritor poderia responder. Ainda assim, estudos posteriores podem se basear em mapear obras literárias, a fim de localizar facticidade e obter informações de contextos isolados. Isso contribuirá para o enriquecimento histórico, sendo que traz visões diferenciadas daquelas que se tem.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge. Capitães da Areia. Disponível em: <<http://lelivros.online/book/download-livro-capitães-da-areia-jorge-amado-em-epub-mobi-e-pdf/>>. Acesso em: 17 de maio 2016.

BAUER, Martin; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes LTDA, 2002.

BELTRÃO, Luiz. Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica. Sulina, 1976.

BULHÕES, Marcelo. Jornalismo e literatura em convergência. São Paulo: Ática, 2007.

COIMBRA, Oswaldo. O texto da reportagem impressa. São Paulo: Ática, 1993.

EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Disponível em: <<http://ujcsp.net/wp-content/uploads/2015/09/c49110cae79db67c21ed0b3f4fdd20bf.pdf>>. Acesso em: 26 de out. 2015.

ERBOLATO, Mário. Técnicas de codificação em jornalismo. São Paulo: Ática, 2001.

FERREIRA, Carlos Rogé. Literatura e Jornalismo, práticas públicas. São Paulo: Edusp, 2003.

FAUSTO, Boris. História concisa do Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GANCHO, Cândida V. Como analisar narrativas. São Paulo: Ática, 2000.

GUIRADO, Maria Cecília. Reportagem: A arte da investigação. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

KOTSCHO, Ricardo. A prática da reportagem. São Paulo: Ática, 2005.

LAGE, Nilson. Teoria e técnica do texto jornalístico. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

_____. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LIMA, Edvaldo Pereira. O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole, 2004.

MEDEL, Manuel Ángel Vázquez. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. São Paulo: Escrituras, 2005. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=jxntAgAAQBAJ&pg=PA15&lpg=PA15&dq=%E2%80%9CDiscurso+liter%C3%A1rio+e+discurso+jornal%C3%ADstico%3A+conv%20erg%C3%A4ncias+e+diverg%C3%A4ncias&source=bl&ots=DSW7_oVCmA&sig=jgq4eFSdnqCsDxWos5KYEzaDvYk&hl=pt-BR&sa=X&ved=0CB0Q6AEwAGoVChMI15-b0r6wyAIVipANCh138gKp#v=onepage&q=%E2%80%9CDiscurso%20liter%C3%A1rio%20e%20discurso%20jornal%C3%ADstico%3A%20converg%C3%A4ncias%20e%20diverg%C3%A4ncias&f=false. Acesso em: 18 de nov. 2015.

MEDINA, Cremilda. A arte de tecer o presente. Narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

_____. Notícia: um produto à venda. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

MELO, José Marques de. A Opinião no Jornalismo Brasileiro. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

MIOTTO, Gaspar Bianor. A invenção da notícia. In: OLIVEIRA, Ada Cristina. Jornalismo além da notícia. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2003. p. 48-55.

MOISÉS, Massaud. A criação literária: prosa, formas em prosa, o conto, a novela, o romance, o ensaio, a crônica, o teatro, outras expressões híbridas, crítica literária. São Paulo: Cultrix, 1990.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin do. Técnicas de redação em jornalismo: o texto da notícia. São Paulo: Saraiva, 2009.

NICOLATO, Roberto. Jornalismo e literatura: aproximações e fronteiras s.d. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1028-1.pdf>>. Acesso em: 24 de out. 2015.

PENA, Felipe. Jornalismo literário. São Paulo: Contexto, 2006.

RODRIGUES, Jacira Werle. Reportagem imprensa, estilos e manuais de redação. A construção da autoria nos textos do jornalismo diário. Santa Maria: Facos UFSM, 2003.

ROSSI, Clóvis in DIMENSTEIN, Gilberto; KOTSCHO, Ricardo. A aventura da reportagem. São Paulo: Summus, 1990.

SANTOS, Josiane. Reportagem: gênero textual e tactual. In: ISOLA, Regina (Org.). Nos domínios dos gêneros textuais. UFMG: Belo Horizonte, 2009.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. Técnica de redação: o texto nos meios de informação. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

_____. Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "Movimento Operário Brasileiro"; *Brasil Escola*. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/historiab/movimento-operario-brasileiro.htm>>. Acesso em 14 de junho de 2016.

SOUZA, Jorge. Elementos do jornalismo impresso. Porto, 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>>. Acesso em: 6 de nov. 2015.

WOLFE, Tom. Radical e chique e o Novo Jornalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.